

O DIA DAS FLORES

de José Rubens Siqueira

DRAMATIS PERSONAE

Por ordem de entrada em cena

Cleide	22 anos, empregada doméstica, branca, crente.
Jussimara	25 anos, empregada doméstica, mulata, recém-contratada.
Janda	69 anos, negra, governanta da casa desde sempre.
Maria Cecília	47 anos, esposa de Vítor Macedo, senhora da casa.
Ulisses	24 anos, filho de Maria Cecília e Vítor.
Helena	26 anos, filha de Maria Cecília e Vítor.
Adamastor	52 anos, diretor teatral, irmão de Maria Cecília.
Dr. Eugênio	54 anos, advogado, assessor de Vítor Macedo.
Vítor Macedo	57 anos, empresário, marido de Maria Cecília.
Gilda	69 anos indizíveis, mãe de Maria Cecília e Adamastor.

CENA ÚNICA

Grande sala de jantar com mesa de quarenta lugares já posta com toalha de renda, porcelanas antigas, talheres de prata, cálices de cristal, etc..

Espalhados pelo chão e sobre os demais móveis, ocupando quase todo o espaço livre, grandes maços de flores, envoltos em jornal e amarrados.

Cleide e Jussimara estão em cena, com facas na mão. Cortam os amarrilhos e separam as flores por cor e tipo pelo chão.

CLEIDE- É brava ela, mas muito boa com a gente, dona Maria Cecília.

JUSSIMARA- Já vi o Afonso, jardineiro e o Douglas motorista. Tem mais gente?

CLEIDE- Tem Cida, a faxineira que vem uma vez por semana, minha mãe que é passadeira e os peão da fazenda que de quando em vez vem uns e fica uns dia pra ajudar, que nem agora, quando tem festa.

JUSSIMARA- Lindão, o Douglas, né?

CLEIDE- (*breve tempo*) Ó, melhor chamar de seu Douglas, viu? Dona Maria Cecília não gosta que a gente se chama pelo nome assim, não. Até minha mãe ela quer que eu chamo de dona Izilda quando tá de serviço.

JUSSIMARA- Credo, não pode nem chamar de mãe?

CLEIDE - Não.

JUSSIMARA- E é sempre assim quando tem festa?

CLEIDE- Nem sempre, não. Quando é festa dos menino, é menos dia; jantar pros amigo, essas coisa. É simples. Banquete assim, que nem hoje, é cinco dia.

JUSSIMARA- Tanta gente e leva cinco dia pra fazer uma festa? Por que que não chama um bufê, manda fazer?

CLEIDE- É uma canseira, mas no fim fica uma beleza que dá gosto. Os pessoal da fazenda venham pra fazer o grosso do serviço de sempre. E nós que já é da casa fica ocupado só com a festa.

JUSSIMARA- Que que tem tanto pra fazer? Festa é festa: é comprar comida e bebida e chamar a turma.

CLEIDE- Isso é nós, que é povo miúdo. Pros pessoal de importância leva tempo. O primeiro dia é faxina. Junta os da fazenda e nós, vem Cida, mais minha mãe, limpa tudo: bate tapete, encera chão, lustra os móvel,

tudo, tudo, tudo. A casa fica um rebuliço que só vendo. Tudo de perna pro ar.

JUSSIMARA- E a madame vai viajar.

CLEIDE- Que nada! Dona Maria Cecília trabalha mais que nós tudo junto. Precisa de ver: ela amarra um lenço na cabeça, esfrega e lava, carrega cada peso que nem eu não güento de carregar. Nem não atende telefone, fica faxinando com a gente. Quem vê pensa até que é do serviço que nem nós. Só não é bom porque... *(tempo)*

JUSSIMARA- Por que o que?

CLEIDE- *(hesitante)* Ela é nervosa. Quando começa, fica numa alegria que parece criança. Ai, qualquer coisinha que não tá do gosto dela, Dona Maria Cecília fica que fica uma fera.

JUSSIMARA- Eu, hein!? Ela que não venha gritando pra cima de mim que xingo de patroa eu não ~~güento~~.

CLEIDE- Mas passa logo. Ela fica cheia das mancha vermelha assim no pescoço, fica com os olho branco e fala dum jeito que dá até medo. Mas do jeito que vem vai, dois minuto depois já tá igual que nem antes. Ela é muito boa. Não tem empregado que ela não ajuda. Minha irmã, Neide, que trabalhava aqui antes de mim, ela que fez o casamento. Deu enxoval completo, até o vestido ela que comprou. Na véspra, que a minha irmã tava morrendo de medo de casar, Dona Maria Cecília chamou os dois aqui, ela e o noivo, conversou com os dois pra mais de hora, Neide não esquece. O marido, meu cunhado, até hoje que se lembra. É gozado, ele, sabe?, quando atrasa do serviço, acontece alguma coisa que Neide não gosta, ele lembra as ordem da Dona Maria Cecília, imita ela que é igualzinho. Se péla de medo dela, ele. Mas é bom marido, Neide não

pode reclamar. Dona Maria Cecília é que é madrinha dos filho dela. Quando os menino vem aqui, sai carregado de presente. Minha mãe que traz, às vez, quando a creche da Neide acontece alguma coisa, tem que deixar os menino com a minha mãe, e se é dia de vim aqui, minha mãe traz. Dona Maria Cecília adora criança. Por ela, acho que se pudesse tinha tido dez filho. Os menino vem, é dois, né?, Dona Maria Cecília dá até comida na boca deles. (ri) Não dá tempo nem deles mastigar direito, ela enfia a comida na boca dos menino, assim. É magrinho eles, não gosta de comer, sabe? Neide tá até preocupada.

JUSSIMARA- Sei não...

CLEIDE- O que?

JUSSIMARA- Essa história de patroa se meter na vida da gente. Não gosto de gente mandona.

CLEIDE- Você tá começando hoje, não conhece ela ainda. Dona Maria Cecília é uma santa.

JUSSIMARA- E aí? Depois do dia da faxina que que vem?

CLEIDE- Ah, o segundo dia é as coisas de mesa. Ela escolhe as toalhas, as louça, os copo, talher, travessa, tudo que vai usar e aí tem de lavar tudo, arear as prata, lavar e passar toalha e guardanapo, tudo.

JUSSIMARA- Credo, que que é aquela dispensa que a Janda mostrou pra mim? Parece loja! Nunca vi tanta louça, travessa, talher, copo na minha vida! Parece hotel.

CLEIDE- É. Tem serviço de tudo tipo, pra meia dúzia, pra uma dúzia, de vinte, trinta, até pra cinquenta tem. Tudo importado, coisa finíssima.

JUSSIMARA- E aí o terceiro dia?

CLEIDE- Terceiro dia é dia da sobremesa, de comprar as coisa que falta e começar a preparar o que dá pra preparar de antes. Doce é coisa que dura, então é dia dos doces. Faz quatro, cinco. Tudo de coisa fresca que vem da fazenda, doce caipira, essa gentarada chique que vem, lambe os beijos de comer aquelas compota antiga, de fruta, doce de coco, em calda... Cada coisa a Dona Maria Cecília sabe!, pois que aprendeu tudo com a avó dela, mãe da mãe, que era fazendeira, gostava de cozinha. É dia das compra também. Quem quer vai, quem não quer manda, a Dona Maria Cecília é que faz as compra tudo. Sai de manhã com o carro grande, na hora do almoço volta que só pra descarregar leva duas hora. Com os doces fazendo e as compra pra guardar, a cozinha fica uma azáfama que dá pra suar.

JUSSIMARA- (*tempo*) Que é que záfam...?

CLEIDE- Azáfama? É... é... é confusão, aquela bagunceira de muita coisa pra fazer ao mesmo tempo. (*tempo breve, as duas trabalham nas flores*) Azáfama mesmo é o quarto dia, que foi ontem, que é o dia das comidas. Aí fica a Janda, eu, as duas moças da fazenda, mais Dona Maria Cecília cozinhando, de manhã até de noite. Ela trabalhando mais que tudo nós, trabalhando, trabalhando, trabalhando...

JUSSIMARA- E gritando.

CLEIDE- Não. Dia de cozinha não dá nervoso nela não. Ela gosta de cozinhar. Só fica meia brava é porque Helena não ajuda.

JUSSIMARA- Helena é a filha?

CLEIDE- É. Boazinha ela. Muito diversa de Dona Maria Cecília, muito, nem parece filha. Gosta mais dos livros, quer saber de cozinha, de coisa de casa não. Dona Maria Cecília já sabe a filha que tem, nem não pede

ajuda pras coisa de dentro. Reclama dela não ajudar nas compras. Tem razão ela. Que que custava Helena ajudar fazer compra? O que é de gosto regala a vida, se não é gosto dela tratar da casa, não trata, mas as compra não custava ela ajudar.

JUSSIMARA- Tá certa ela. Com tanto empregado, eu no lugar dela não mexia um dedo, ia querer tudo na mão ali.

CLEIDE- Magina! Dona Maria Cecília não güenta. Se começa a demorar muito com alguma coisa, ela tira da tua mão e faz ela mesma.

JUSSIMARA- Não. Tô falando da menina, Helena, essa.

CLEIDE- Menina, não, que é quatro ano mais velha de que eu. Tem 26. Parece criança, mas tá mulher que já podia de estar casada que tempo!

JUSSARA- Quem mais que tem na casa? O filho, como é que chama mesmo ele?

CLEIDE- Ulisses. Esse... E o doutor Macedo. Só. Que mora mesmo, da família, os quatro. Você não viu eles ainda, não?

JUSSIMARA- Vi não. Falei só com os empregado, que a Janda apresentou. Nem com Dona Maria Cecília não falei direito.

CLEIDE- Ela já vem. O dia das flor é o dia que ela mais gosta. Quando chega as flor é que já tá tudo pronto, ela sossega mais, fica numa alegria que só vendo.

JUSSIMARA- Quer dizer que hoje é só arrumar flor?

CLEIDE- Só não. Tem flor que não acaba mais e tem de pegar os vasos e arrumar um por um. E a arrumação da mesa, os cinzeiro, as bandeja de fruta. Ela que chama o último dia de dia das flor. Porque é o dia já da festa, acho.

JUSSIMARA- Pô. Quatro pessoa numa casa deste tamanho, com cinco empregado agora comigo, pra mim todo dia era dia das flor.

CLEIDE- Ah, mas sempre tem mais gente. Seu Adamastor, irmão dela, vem sempre, às vez fica dois, três dia, as vez mais. Já aconteceu de passar um mês. Dr. Macedo não gosta quando ele fica muito. Os cachorro fica nervoso, tudo latindo o dia inteiro lá na porta da edícula lá do fundo, que bicho nenhum não gosta dele, parece, minha mãe diz. Aquilo é meio que apartamento dele, só Janda é que entra pra limpar. Eu nunca entrei, nem ninguém. Por que não sei. Não me pergunte. É dele, de seu Adamastor, assim pode vim mesmo que os quarto de hóspede tá tudo ocupado. Dona Gilda, mãe dele e de Dona Maria Cecília, que os dois é irmão, vem de quando em vez. Mas mais viaja # mundo de que fica aqui.

JUSSIMARA- Ela também mora então?

CLEIDE- Não, magina! Tem o apartamento dela, não quer saber nem de empregada, mora sozinha. *(ri, controla-se e tem um breve ataque de riso)*

JUSSIMARA- *(rindo junto um pouco)* Quê? Que que foi? Conta que eu também quero rir.

CLEIDE- Não posso, não. *(ri mais, enxugando as lágrimas)*

JUSSIMARA- Conta. Que que tem de mais?

CLEIDE- *(entre risos)* É palavrão. Não posso falar palavrão, minha religião não permite. *(ri, descontrolada, enxugando as lágrimas)*

JUSSIMARA- *(rindo do riso da outra)* Conta.

Cleide não resiste e aproxima-se dela para contar baixinho .

CLEIDE- Dona Gilda diz que mora sozinha porque (ri)... ela disse: (ri e se aproxima para cochichar, mas o descontrole do riso faz com ~~que~~ *acabe falando ainda mais alto do que normalmente*).... "Quero dar meus peido sossegada."

Jussimara ri um pouco, mais do ataque de riso da outra do que da graça da fala. Cleide aos poucos se controla, enxugando as lágrimas.

JUSSIMARA- Essa não é madame então?

CLEIDE- Decerto que é! Até mais que Dona Maria Cecília. De às vez ela fala umas coisas assim eu acho que é pra moer mesmo. Ela sabe que Dona Maria Cecília não gosta, fica nervosa, cheia das mancha vermelha, mas não ~~fala~~ *moerido* nada. Um respeito! Parece que vai explodir, Dona Maria Cecília. Mas não fala, pois que Dona Gilda nem ouve se ela falar. Empina o nariz e vai saindo assim. Parece artista de cinema, Dona Gilda, conservada que você quando vê é capaz de dizer que é irmã de Dona Maria Cecília. Chique mesmo, de muita cerimônia.

JUSSIMARA- É velha ela?

CLEIDE- Regula com a Janda, assim. Janda nasceu na fazenda, cresceram as duas mesque irmã. Na fazenda, pro interior aí, não lembro donde, minha mãe que sabe. Dona Gilda, quando casou, levou a Janda junto, ela que ajudou criar Dona Maria Cecília, só não deu de mamar no peito porque não tinha filho.

JUSSIMARA- Quem?

CLEIDE- Janda. Janda nunca teve filho, não casou nunca. A vida inteira zelando Dona Gilda, de devoção mesmo. Conta minha mãe que tinha muito

problema, Dona Gilda. Não pegava filho. Começava, ia, quando já começando fazer barriga era cólica, cólica, gritava dias de enfiada, ficava a casa que ficava em polvorosa, no meio da noite lençol e mais lençol ensangüentado. Perdia. Um atrás do outro. Quantos não sei, minha mãe que sabe. O marido, muito rico, era; os dois muito rico, ela dos fazendeiros, café, gado, sei lá; ele das indústria, trabalhador, um leão, minha mãe falou. Queria muito filho, ele. Demorou cinco, seis ano, nasceu seu Adamastor, depois, uns ano mais, veio Dona Maria Cecília. Eu cá pra mim, tenho que Dona Gilda prefere mais seu Adamastor, as molecage dele se assemelha mais com o espírito dela. Maria Cecília, Dona Maria Cecília, Janda foi que criou quase sozinha, minha mãe diz. Depois, muito tempo, não sei que desgosto teve lá com as duas, Janda e Dona Gilda, quando Dona Gilda enviuvou. Passado uns anos, Dona Gilda já viúva, Dona Maria Cecília casou com Dr. Macedo, Janda pediu pra ir de junto. Por quê, ninguém não sabe. Diz minha mãe que tem um segredo. Ela não sabe qual, não, mas sabe que tem. Segredo de família. Ninguém não conta. Janda de às vez fala de noite, dormindo, a gente dormimos no mesmo quarto, chora, ela, fala "pecado, pecado, pecado". Sei lá, é muito misterioso. Mais que patroa, Dona Maria Cecília é que nem filha pra ela, se tem alguém que ela escuta é Janda.

JANDA - (entrando) Que é que tem eu?

Diante da majestade da grande criada negra, as duas se calam.

Por um instante, baixam os olhos, trabalham mais rápido.

JUSSIMARA- Não. É que eu tava perguntando e a Cleide tava me contando da casa aqui.

JANDA- O que é que você quer saber?

JUSSIMARA- Ah, tudo, ué. Serviço novo a gente quer saber naonde que tá pisando.

JANDA- Pois tá pisando lugar de gente boa.

JUSSIMARA- Isso já sei.

JANDA- Como está indo aqui?

CLEIDE- Não sei não, mas parece que desta vez tem mais flor, não tem não, Janda?

JANDA- Tem.

JUSSIMARA- É festa de quê, hein, Janda?

JANDA- Dona Janda.

JUSSIMARA- A Cleide falou Janda.

JANDA- Ela esquece. Conheço desde menina, mas você melhor acostumar de começo: Dona Janda, senhora. Respeito é bom e eu gosto. É assim que Dona Maria Cecília quer.

JUSSIMARA- Bom. De que que é?

JANDA- O que?

JUSSIMARA- A festa! É aniversário, casamento, noivado, o quê?

JANDA- De nomeação. Vamos logo com isso aqui. Naninha já está trazendo os vasos.

JUSSIMARA- (*para Cleide*) Naninha? ✓

CLEIDE- Dona Maria Cecília.

JUSSIMARA- Ah.

Apesar da descrição de Cleide, nada em Maria Cecília permite que seja confundida com as criadas. Veste saia reta, simples e confortável, malha de linha de mangas curtas, os cabelos puxados rente à cabeça, presos num curto rabo de cavalo na nuca, eterno penteado de todas as horas do dia, prático e pronto para qualquer situação, doméstica ou elegante. O andar rápido, os gestos enérgicos, o rosto um tanto endurecido, a voz autoritária: ativa, dura trabalhadora, mas jamais uma empregada. Traz numa das mãos um imenso vaso de cerâmica pesada, na outra mão dois vasos menores, de vidro, também volumosos. Cleide levanta-se depressa e vai pegar o vaso grande. Maria Cecília entrega a ela os dois menores e atravessa a sala para colocar o grande vaso em seu lugar, no chão.

MARIA CECÍLIA- Cleide, você e a Janda podem pegar os vasos que vão aqui na sala, para mim. Está tudo separado na sala de almoço. (as duas vão saindo)
Neste aqui eu quero os gladiolos que tem pouco, quero tudo junto. Me dê ali, menina. Como é mesmo o seu nome?

JUSSIMARA- Jussimara, mas pode me chamar de Mara.

MARIA CECÍLIA- Por que?

JUSSIMARA- Por que o quê?

MARIA CECÍLIA- Não gosto de apelido. É Mara ou Jussimara?

JUSSIMARA- Mara. É Mara.

MARIA CECÍLIA- Bom. Me dê os gladiolos.

JUSSIMARA- Qual que é?

MARIA CECÍLIA- Essas vermelhas aí.

JUSSIMARA- Ah, as palma.

MARIA CECÍLIA- As palmas.

Jussimara traz a braçada de flores, dispõe-se a ajudar.

MARIA CECÍLIA- Eu faço isso. Você continue separando.

JUSSIMARA- Tá.

MARIA CECÍLIA- Sim, senhora.

JUSSIMARA- Ahn?

MARIA CECÍLIA- Sim, senhora.

JUSSIMARA - *(leva um tempo para entender, repete:)* Sim, senhora.

(E sem que a patroa veja, faz uma breve careta de desdém)

Janda e Cleide retornam com os vasos. Por algum tempo instala-se a "azáfama": Janda ataca eficientemente a separação das flores com as meninas, Maria Cecília arrumando o vaso grande.

Fora de cena, explode um súbito alarido de vozes masculinas, uma das quais destaca-se, impositiva, sobre as outras.

Cleide e Jussimara se imobilizam, olham na direção da entrada do jardim. Janda e Maria Cecília trocam um brevíssimo olhar e continuam trabalhando.

CLEIDE- *(baixo)* O Senhor seja louvado.

JUSSIMARA- Ixe! Assalto!

A gritaria se aplaca subitamente.

MARIA CECÍLIA- *(para si mesma, com um pequeno sorriso quase invisível de ternura cega)* Ulisses.

Entra Ulisses. Todo de preto, calças de couro, camiseta justa revelando o corpo trabalhado pelo esporte.

ULISSES- *(furioso, atira a jaqueta no chão)* Outra vez essa merda? *(para Maria Cecília)* Você não podia ter avisado que eu ia chegar?

JANDA- Eu avisei.

ULISSES- Você não adianta, Janda. Mamãe é que tem de falar.

MARIA CECÍLIA- *(continuando a arranjar as flores)* Não vai me beijar?

ULISSES- *(mecanicamente, beija-a no rosto, continuando a falar irritado)* ✓
Absurdo eu ter de mostrar documento pra entrar em casa!

MARIA CECÍLIA- Você sabe que quando tem recepção é assim.

ULISSES- *(para Janda, que está pegando sua jaqueta do chão)* Entraram no meu quarto?

JANDA- Entraram. *(ele faz menção de correr para ir ver)* Mas eu já tinha arrumado.

ULISSES- *(pegando a jaqueta que Janda lhe estende)* O que é que é dessa vez?
(breve tempo) Papai aceitou?!

MARIA CECÍLIA- Aceitou.

ULISSES- *Dizem...*
Quer dizer que o meu pai vai ser Ministro de Estado?

MARIA CECÍLIA- Vai.

ULISSES- Desse governo podre?

MARIA CECÍLIA- Se mais gente como o seu pai estivesse no governo, o governo não seria "podre". *(levanta-se)* Pronto. Cleide, ponha este vaso aqui do lado da janela. No chão, ali à esquerda. Janda me separe todos os vasos transparentes. Jussimara, me dê as rosas brancas. Só as brancas. Ponha ali, no chão.

Cleide e Janda obedecem.

JUSSIMARA- *(baixo, pegando as flores)* Mara. É Mara. ✓

Ao levantar-se, colide com Ulisses que se voltou bruscamente para sair por onde entrou.

MARIA CECÍLIA- Onde é que você vai?

ULISSES- Voltar lá fora, dizer pra aquele bando de jornalistas que está no portão que o sonho do meu pai é ser ministro. Que ele aceitou a indicação para melhor servir a pátria, dar a sua contribuição para a grandeza do país...

HELENA- *(entrando)* Pode deixar que eu já falei, irmãozinho. *(beija o irmão, vai beijar Janda afetuosamente)*

MARIA CECÍLIA- *(rispida)* Eu não disse que não queria que ninguém falasse com os jornalistas?

HELENA - *(beijando a mãe, que mal lhe estende a face)* Não falei nada importante, mamãe. Disse qualquer bobagem que eles querem ouvir.

MARIA CECÍLIA- "Qualquer bobagem"... Conheço muito bem as tuas bobagens.

HELENA- *(beijando o rosto da constrangida Cleide, para Jussimara)* Você é a nova? Como é seu nome?

JUSSIMARA- Mara.

HELENA- *(beijando o rosto dela)* Mara. Bemvinda à Mansão Macedo, onde se junta o melhor da mais antiga tradição nacional e o industrioso labor da nossa pátria.

MARIA CECÍLIA- Pare de imitar o seu tio. Não tolero esse cinismo.

HELENA - Ele já chegou?

MARIA CECÍLIA- Não. E espero que demore bastante. Não tem nada que vir se enfiar aqui antes da hora.

ULISSES- *(para Helena)* Te pediram documento?

HELENA- Pediram e eu mostrei. Acho uma bobagem você fazer escândalo cada vez que tem segurança aqui em casa. Mostra e pronto. Fica gastando energia com esses gorilas que não entendem nada.

ULISSES- Você viu que eles cercaram o quarteirão inteiro dessa vez?

HELENA - Vi.

ULISSES- *(baixo, para Helena)* Entraram no meu quarto.

HELENA- *(mais baixo)* Quem tem segredos tem de se organizar, meu amor.

MARIA CECÍLIA- Entraram em todos os quartos. Acompanhados pela Janda ou por mim. Não mexeram em nada. Foram muito respeitosos.

HELENA- "Respeitosos" também é demais, né, mamãe. Invasão é invasão. Violência. O que que eles acham? Que vai ter bomba escondida aqui dentro? Terrorista dentro do armário? Quem é que vai querer matar esse bando de molóides?

MARIA CECÍLIA- É praxe.

ULISSES- Quem é que vem hoje?

HELENA- O Presidente da República em pessoa. Leia o jornal, Ulisses. A cara do papai está na primeira página de todos.

MARIA CECÍLIA- *(entredentes)* O Presidente não vem.

HELENA- Como não vem? Que desfeita para o doutor Vítor Macedo!

MARIA CECÍLIA- *(seca)* Pare com isso, Helena.

ULISSES- O quê? Convida o papai para ministro da Economia e vai mandar representante? Pra que tanta segurança então?

MARIA CECÍLIA- Vem o governador, prefeito, outros ministros. Vocês sabem muito bem que é assim mesmo. Parem com isso e tratem de ajudar. Ou pelo menos não atrapalhem.

HELENA- *(saindo)* Mara, você me ajuda a descarregar o carro?

MARIA CECÍLIA- Preciso dela aqui. Peça para o Afonso. O que tanto você trouxe?

HELENA- Você não disse que não queria me ver de calça comprida na recepção? Comprei umas coisinhas. Sua filha vai estar deslumbrante, na melhor tradição das Vilhena. Vovó Gilda que se cuide, que hoje vai ser a noite de Helena Vilhena Macedo. *(sai)*

MARIA CECÍLIA- Helena! Helena! *(a filha não volta. Ela suspira, raivosa)*

ULISSES *(aproxima-se da mãe, brinca com uma das rosas que ela arranja no vaso)* Você está contente, né, mãe?

MARIA CECÍLIA- Estou. Seu pai merece isso.

ULISSES- Ah, mãe. Você falando parece prêmio. Cargo público é um inferno. Vão cair na alma dele.

MARIA CECÍLIA- É um reconhecimento, filho.

ULISSES- Você acha ele pode mudar alguma coisa?

MARIA CECÍLIA- Acho. Se tem alguém que pode fazer alguma coisa nessa política é o seu pai. Você sabe disso.

ULISSES- Não sei nada. Se o Presidente, os políticos não querem, o que é que o papai vai poder fazer? Ele nem é político.

MARIA CECÍLIA- Ninguém precisa do político agora, precisa de um administrador. E seu pai é o melhor de todos. Saiu ileso de todas as crises. Se conseguiu ficar com a cabeça fora d'água com as empresas, há de conseguir a mesma coisa para o país.

ULISSES- Não sei. Um país não é uma empresa.

MARIA CECÍLIA- Seu pai sabe disso. Confie nele.

ULISSES- Não é questão de confiança, é...

MARIA CECÍLIA- Filho, não é hora para conversar isso agora. Você devia ter tentado falar com seu pai.

ULISSES- Ah, e você acha que ele ia me ouvir? Nem as minhas coisas ele ouve...

MARIA CECÍLIA- Não seja injusto!

ULISSES- Ele nunca está em casa! Quando começou essa história de ministro? Faz, o que?, dois, três dias. Foi tão de repente. Não vi o papai aqui nem uma vez.

MARIA CECÍLIA- *(indicando as empregadas que trabalham)* Filho, não é hora agora. ✓

ULISSES- E quando é hora, mamãe? Agora já não adianta mais falar nada, ele já aceitou, não aceitou?

HELENA- *(entrando com pacotes)* Olha quem chegou! ✓

ADAMASTOR- *(entra, declamando)* “Dos filhos aspérrimos da Terra, qual Encélado, Egeu e o Centimano, chamei-me Adamastor e fui na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano”: o gigante Adamastor... *(descarrega os pacotes sobre Janda, beija-a nas duas bochechas, efusivo)* “Eu estou morena, porém formosa, ó filhas de Jerusalém, como as cortinas de Salomão. Não olheis para o eu estar morena, porque o sol me queimou. Eu sou rosa de Sarom, o lírio dos vales, os meus beijos são como o bom vinho, o vinho que se escoia suavemente para o meu amado”. Um uisquinho, princesa?

Janda sai, rindo e sacudindo a cabeça, levando os pacotes.

ULISSES- *(pegando os pacotes de Helena)* Eu levo.

ADAMASTOR- O sagaz Ulisses, de muitos ardis. Abraçe antes o seu velho tio.

ULISSES- *(recebe o abraço exageradamente forte com que o tio o sacode)* Oi.

ADAMASTOR- Você não veio ver o meu ensaio.

ULISSES- Não deu. Quando estréia?

ADAMASTOR- Não estréia e você perdeu o melhor do espetáculo. Acabei com tudo.
Foi um escândalo fantástico.

HELENA- Desistiu da Salomé?

ADAMASTOR- Oscar Wilde é melhor lido que representado.

MARIA CECÍLIA- Nunca leva as coisas até o fim.

ADAMASTOR- Mas não tem a menor importância. Como diz o próprio Wilde: "Toda arte é bem inútil". Agora vou montar "O Anti-Édipo".

HELENA- Bravô. Gilles Deleuze em cena, essa eu quero ver.

ADAMASTOR- O Deleuze por mim pode pular da janela que eu estou me lixando. Vou partir do mito em si, como conta Homero e depois Sófocles. Desmontar, desconstruir o mito. Essa você vai gostar, Ulisses.

Ulisses sai.

MARIA CECÍLIA- Chegou cedo.

ADAMASTOR- Como perder o espetáculo da vitória-régia, Maria Cecília, misto de Clitemnestra, Jocasta e Penélope reinando entre as flores menores.
(pegando uma caixa pequena das mãos de Helena) Eis! À rainha da noite, uma Paphiopedilum Sarcantheae!

MARIA CECÍLIA- *(abre a caixa, relutante e curiosa, Retira uma belíssima orquídea roxa, quase negra)* O que é isso?

ADAMASTOR- Uma orquídea da Malásia. Como sei que você não teria a vulgaridade de exibir as jóias da coroa, que vão continuar discretamente guardadas no cofre do banco, vai usar no peito uma jóia viva. Inigualável.

MARIA CECÍLIA- *(perdida, incapaz de recusar o presente sedutor)* Não sei como você arranja essas coisas.

ADAMASTOR - Não, não me agradeça. *(Helena ri)* Você merece.

MARIA CECÍLIA- Obrigada. *(guarda a flor de volta na caixa térmica)* Cleide, coloque na geladeira para mim. *(Cleide pega e sai)*

ADAMASTOR- *(olhando Jussimara)* Quem é a pulchra fâmula? Uma jóia nova no feudo Vilhena Macedo?

MARIA CECÍLIA- Jussimara, Adamastor. Não vejo no que isso te interessa.

JUSSIMARA- Mara, às suas ordens.

ADAMASTOR- E a iminente eminência parda? *(Helena dá uma gargalhada)* Pronto para a coroação?

MARIA CECÍLIA- Macedo ainda não levantou.

Entra Macedo, de robe de chambre, com ar de quem acabou de acordar. Helena corre para ele, beija o pai e fica apoiada em seu ombro, arranjando seu cabelo.

MACEDO- Bom dia. Que horas são?

MARIA CECÍLIA- *(interrompendo imediatamente o que estava fazendo)* Duas, duas e meia. Vou ver o café para você.

MACEDO- Não se incomode. A Janda já está preparando alguma coisa.

ADAMASTOR- Salve! *(faz um salamaleque irônico)* Mais um degrau galgado numa carreira de glórias. Qual é o próximo passo? A Presidência, claro!

Macedo sorri, algo contrafeito. Cleide entra com uma bandeja de prata com copos, balde de gelo e uma garrafa de uísque, que coloca sobre um móvel, afastando um maço de flores. Adamastor vai se servir.

ADAMASTOR- *(para Macedo)* Me acompanha?

MACEDO- É cedo para mim.

ADAMASTOR- *(servindo-se)* Claro.

MARIA CECÍLIA- Cedo para você também, Adamastor.

ADAMASTOR- Não tente me tirar a minha única virtude: o vício.

HELENA- Eu aceito.

MARIA CECÍLIA- Helena!

HELENA- Hoje é festa, mamãe.

MARIA CECÍLIA- Ainda não!

HELENA- Você se importa, pai?

MACEDO- Sua mãe tem razão.

HELENA- *(deixando o copo, irritada)* Sabe do que tio Adamastor te chamou? De eminência parda. *(ri)*

ADAMASTOR- Toda eminência é parda.

JANDA- *(entrando)* O café está servido.

ADAMASTOR- Eu vou com você. Vamos falar do meu novo projeto. Você vai amar.

MACEDO- Outra peça? O que é?

ADAMASTOR- Uma coisa para reacender a sua velha paixão pela Grécia antiga: "Édipo".

HELENA- O anti-Édipo.

Macedo e Adamastor vão saindo. Helena vai junto.

MARIA CECÍLIA- Helena, leve essa bandeja.

HELENA- *(olhando as três empregadas ocupadas com as flores)* Eu?

MARIA CECÍLIA- É. Você.

Contrafeita, Helena pega a bandeja de uísque e sai.

MARIA CECÍLIA- E não beba. *(irritada, para as criadas)* Está muito devagar isto aqui. Vocês duas arrumem as rosas para mim. Jussimara fique com as brancas. Você, Cleide, misture as coloridas como da outra vez. Lembra como era?

CLEIDE- Lembro, sim, senhora. Essas meia cor de abóbra...

MARIA CECÍLIA- Chá. Rosa chá.

CLEIDE- Então. Essas junto com as amarelas. Depois as cor de rosa com as vermelha.

MARIA CECÍLIA- Essas florzinhas brancas com as vermelhas. Nas amarelas coloque isto aqui, só verde. Janda, os antúrios e os vasos de chão.

ADAMASTOR- *(gritando de fora)* Janda!

MARIA CECÍLIA- Deixe. Vá ver o que ele quer. Dê tudo o que ele quiser, acomode ele lá fora. Não deixe voltar aqui, que hoje não estou com paciência para o Adamastor. *(Janda sai)*

A capinha soa.

MARIA CECÍLIA- Cleide.

Cleide levanta-se e sai rapidamente.

MARIA CECÍLIA- Está acabando aí, Jussimara?

JUSSIMARA- Falta um montão ainda, dona.

MARIA CECÍLIA- Vai mais depressa. Não, não deixe demais de um lado só. *(arranja as flores)* Assim, para ficar redondo no vaso, entendeu? *(retira todas as rosas, ríspida)* Não, não. Tem de colocar os verdes primeiro, para fazer uma base para as flores. Assim, à volta toda. Depois as rosas, uma por uma, para ficarem de pé, entendeu Jussimara?

JUSSIMARA- Sim, senhora. *(trabalham as duas em dois vasos, um tempo)* Dona Maria Cecília? A senhora vai me desculpar, mas eu não gosto que me chama de Jussimara, viu? Tô acostumada com Mara, preferia...

CLEIDE- *(entrando)* Dona Maria Cecília, um moço da segurança disse que o Dr. Eugênio está aí na porta. Deixa entrar?

MARIA CECÍLIA- O Dr. Eugênio? Aqui, hoje? Mande entrar, Cleide. Leve para o escritório.

CLEIDE- *(vai saindo, volta)* O escritório as moças ainda estão espanando os livros.

MARIA CECÍLIA- É verdade. Deixe que eu falo com ele no hall. Vocês continuem aqui com as rosas. *(sai)*

JUSSIMARA- Pô! Animado aqui, hein? É sempre assim?

CLEIDE- De comum é mais sossegado. Hoje é festa grande.

JUSSIMARA- Legal a Helena. Trata a gente feito gente mesmo, cumprimenta e tudo.

CLEIDE- É.

JUSSIMARA- Você não gosta dela, não?

CLEIDE- Ela trata a gente direito, mas falta com o respeito com a mãe dela. Pra mim, mulher que fuma, bebe, que chega tarde em casa... Você viu?

JUSSIMARA- Eu gostei dela. E o Ulisses? Que que ele ficou tão nervoso de entrarem no quarto dele? Éta família cheia dos segredo.

CLEIDE- Sabe o que que é? Olha, você não vai me comentar com ninguém, hein? Pelo amor de Deus! Minha mãe que falou.

JUSSIMARA- O que?

CLEIDE- Parece que ele cheira maconha, fuma cocaína. Essas coisa de droga... Até internado já foi, pra ver se largava o vício.

JUSSIMARA- E a mãe dele sabe?

CLEIDE- Como não hávera de saber? Ela que levou ele pra Europa, pros Estados Unidos, sei lá. Janda disse que era bolsa de estudos, que ele ficou lá estudando. Mas minha mãe diz que era droga. Ele foi pra se curar, pra mais de seis meses.

JUSSIMARA- E não adiantou nada.

CLEIDE- Lá que sei eu.

Entra Maria Cecília acompanhada pelo Dr. Eugênio, ~~no eterno terno preto~~, pasta na mão.

MARIA CECÍLIA- Cleide, Jussimara, vocês vão para o escritório, ver se as moças já terminaram lá? *(Cleide e Jussimara saem)* Eu preferia que o senhor deixasse para amanhã ou depois, Dr. Eugênio. O senhor sabe que hoje é um dia importante para o Macedo.

DR. EUGÊNIO- Sei, sim, senhora. E é justamente por isso que precisa ser hoje, Dona Maria Cecília.

MARIA CECÍLIA- Talvez se o senhor me adiantasse do que se trata...

DR. EUGÊNIO- Desculpe, mas não posso. Preciso falar com o Dr. Macedo.

MARIA CECÍLIA- O que pode ser tão urgente?

DR. EUGÊNIO- Eu preferia falar com o Dr. Macedo primeiro. Depois, a critério dele a senhora pode ser informada.

MARIA CECÍLIA- (*encara-o homenzinhos um tempo em silêncio*) O senhor sabe que eu sou acionista de todas as empresas. Majoritária.

DR. EUGÊNIO- (*ri-amarelo, mas sustenta a sua posição*) Como não havia de saber? Trabalhei para o seu pai tantos anos. Fui um dos inventariantes.

MARIA CECÍLIA- Então?...

DR. EUGÊNIO- A senhora vai me desculpar, mas prefiro falar com o doutor Macedo. Depois, quem sabe, se ele...

CLEIDE- (*entrando*) Dá licença? Dona Maria Cecília o escritório já tá pronto.

MARIA CECÍLIA - (*para Eugênio*) Venha comigo. (*vão saindo*)

Jussimara entra e para ao lado de Cleide.

MARIA CECÍLIA- Vão lá para dentro ajudar a Janda. Cleide, ligue a sauna. O Dr. Macedo vai querer usar.

CLEIDE- Sim, senhora.

Saem todos. Por um momento a cena fica vazia.

Entra Gilda. Na absoluta elegância do clássico tailleur Chanel, pode ser uma mulher madura de quarenta anos ou uma senhora de setenta, extremamente conservada. Caminha serena, com a elegância da geração de divas de Marlene Dietrich, pára no meio da sala e olha, impassível, a bagunça das flores em torno.

Maria Cecília volta à sala e tem um sobressalto ao ver a mãe, soltando um pequeno grito contido.

MARIA CECÍLIA- Mamãe.

Imediatamente, a sua maneira impositiva ganha um componente novo, uma imperceptível curvatura da coluna, uma invisível submissão à poderosa presença de Gilda, que lhe estende a mão, num pequeno gesto habitual para ambas.

Maria Cecília avança, pega a mão da mãe e beija. Imediatamente, trocam dois beijinhos no rosto, como todo mundo.

Entra o Dr. Eugênio, que espera afastado. Gilda olha para ele.

MARIA CECÍLIA- Este é o Dr. Eugênio, um assistente do Macedo.

GILDA- *(apertando os olhos para examiná-lo de alto abaixo)* Eu conheço.

DR. EUGÊNIO- *(avançando e pegando, sem beijar, a mão que ela lhe estende um pouquinho alta demais)* Como vai, Dona Gilda?

GILDA- Bem.

MARIA CECÍLIA- Vou chamar a Janda para a senhora *(sai, nervosa)*.

GILDA- A última vez que nos vimos foi nos problemas do inventário de meu marido. Faz bastante tempo.

DR. EUGÊNIO- Vinte e sete anos, exatamente.

GILDA- *(com irônico desdém)* Já? Espero que desta vez a situação seja mais feliz.

DR. EUGÊNIO- Sem dúvida. Eu também.

MARIA CECÍLIA- *(entrando, nervosa e apressada)* O Macedo vai demorar um pouco. O

senhor poderia esperar no escritório, por favor. A senhora me dá licença, mamãe?

GILDA- Não precisa me explicar, Maria Cecília.

Saem Maria Cecília e Dr. Eugênio. Janda entra pelo lado oposto e estaca. Ela e Gilda se olham, num instante tenso. Gilda abre um sorriso verdadeiro por baixo da pose e vai até Janda, que não se move do lugar.

GILDA- *(beijando Janda nas faces)* Janda... *(Segura o rosto dela e olha nos seus olhos, durante algum tempo, os rostos muito próximos)* Você não vai me perdoar nunca?

JANDA- *(segura delicadamente as mãos de Gilda, afastando-as do rosto)* Não me pergunte o que eu não sei reponder.

Cleide e Jussimara entram, reparando em Gilda e retomam o trabalho com as flores.

GILDA- *(retira as mãos bruscamente, recompõe a pose, olha em torno)* Quero fazer uma sauna e vou me aprontar aqui. Você me dá uma das meninas? Você eu não conheço.

JUSSIMARA- Eu sou a Mara. Sou nova na casa. Tô começando hoje.

Maria Cecília entra.

JANDA- Dr. Macedo e Adamastor estão usando a sauna.

GILDA- Meu filho já chegou?

JANDA- Já. Trouxe alguma coisa?

GILDA- A maleta. Está no carro. Esqueci.

JANDA- Cleide, vá buscar lá no carro de Dona Gilda. Depois, leve pro quarto, pegue as toalhas pra ela, veja o que mais ela vai precisar.

Cleide e Gilda saem por lados opostos. Jussimara vai atrás de Gilda.

JANDA- Você fique aí, menina. Continue com as flores. Cleide fica com ela, que já tá acostumada.

MARIA CECÍLIA- Não. *(para Jussimara)* Prepare uns sucos e mande o Afonso e o Douglas servirem para os moços da segurança lá fora.

Jussimara vai saindo.

MARIA CECÍLIA- Jussimara. Para os jornalistas não.

JUSSIMARA- Sim, senhora. *(sai, resmungando baixo)* Mara. É Mara. Já falei que é Mara. *(sai)*

Maria Cecília e Janda retomam a arrumação das flores.

MARIA CECÍLIA- Você ouviu o que Adamastor estava falando com o Macedo?

JANDA- *(ri)* Ah, as coisas lá do teatro dele.

MARIA CECÍLIA- Dinheiro, claro. E Macedo é capaz de investir de novo.

JANDA- Naninha tá nervosa. Calma, vai dar tudo certo.

MARIA CECÍLIA- Não sei, Janda. Não sei. O Macedo está esquisito. Acho que está me escondendo alguma coisa.

JANDA- Impressão sua. Não há de ser nada. Se não aparecer aquele urubu do Dr. Eugênio, não tem com que se preocupar.

MARIA CECÍLIA- (*alarmada*) Por que você disse isso?

JANDA- Sei não. Nada. Falei por falar. Não gosto daquele homem. Toda vez que aparece traz desgraça.

MARIA CECÍLIA- Ele está aqui, Janda. Esperando o Macedo no escritório.

JANDA- Creindospadre! Então periga de ser alguma coisa.

MARIA CECÍLIA- O que pode ser? Que é que pode ter acontecido?

JANDA- Vamos continuar com essas flor. Quando seu marido falar com ele, fica sabendo. (*retomam a arrumação. Tempo*) Já avisou ele que o cuzarruim tá aí?

MARIA CECÍLIA- Não.

JANDA- Quer que eu vou avisar?

MARIA CECÍLIA- Não. Deixa o Macedo descansar. A sauna faz bem para ele. (*tempo*) Tem alguma coisa fora do lugar. Eu já estava sentindo antes.

JANDA- Nada. Bobagem da sua cabeça.

MARIA CECÍLIA- Por que você foi me falar essa história do Dr. Eugênio?

JANDA- (*breve riso baixo, mente*) Ah, isso eu digo toda hora. Se me queima o feijão, eu brinco que é porque o Dr. Eugênio vai chegar. Pode perguntar a Cleide. Não ligue importância, não.

MARIA CECÍLIA- Não, Janda, não é hora de me pegar no colo. Você falou a sério e eu acredito na sua intuição.

JANDA- A sério não falei. Só quando sabe que ele tava aí é que ficou sério.

MARIA CECÍLIA- Você acha que não vai dar certo.

JANDA- (*tempo*) Eu não acho nem deixo de achar. 

MARIA CECÍLIA- Me diga.

JANDA- Não é o que Naninha quer?

MARIA CECÍLIA- Será que é o que o Macedo quer?

JANDA- Ninguém não faz o que não quer.

MARIA CECÍLIA- Ele não precisa do cargo. Do jeito que as coisas estão hoje em dia, ele pode ter todo o poder político sem precisar de um cargo público. Eu... talvez eu queira mais do que ele.

JANDA- Minha filha, seu marido é homem forte, de sabedoria. Se não fosse, vosso pai não tinha escolhido ele pra chefiar o negócio antes de morrer.

MARIA CECÍLIA- Com Adamastor do jeito que é, o que mais papai podia fazer?

JANDA- Escolher outro. Havia de ter outros. Mas não, seu pai escolheu Dr. Vítor. Sabia o que tava fazendo, o velho era ladino que era um lince.

MARIA CECÍLIA- Não, Janda, não me leve por aí, não. O que estou achando é que eu posso ter forçado um pouco demais. Influenciado, entende?

JANDA- Marido faz o que mulher manda. Isso faz. Se a mulher acerta, o marido acerta. Se a mulher erra, depende do marido fazer o erro virar acerto.

MARIA CECÍLIA- Você acha que eu errei?

JANDA- Isso, como é que eu posso saber? Só o seu coração é que pode saber. É pergunta que a gente mesma tem de responder sozinha. Agora...
(cala-se)

MARIA CECÍLIA- Pode dizer, Janda.

JANDA- De menina, Naninha era ambiciosa. Por demais ambiciosa. Se posso dizer, digo, Naninha, se tem um pecado seu que percebo é esse.

MARIA CECÍLIA- (*arranjam as flores em silêncio*) Você acha que papai queria que eu casasse com o Vítor?

JANDA- (*riso de disfarce*) É bonito quando chama ele de Vítor.

MARIA CECÍLIA- *(tempo)* Acha? *(longo tempo)* Acha?

JANDA- Se entregou o negócio de vida inteira na mão dele, ia gostar de ter dr. Vítor na família. *(tempo)* E Naninha? Queria?

MARIA CECÍLIA- *(tempo)* Agora não sei mais. Na hora... Eu quis. Quando papai morreu... O Macedo entrava e tinha um homem na casa. Forte. Moço. Homem. Enchia a casa quando estava lá. Ele foi tão... Mamãe... Se não fosse ele, acho que ela... Mamãe gostava muito dele, fez tudo por ela, cuidou de tudo, presente, firme sempre. *(tempo)* Janda?...

JANDA- *(interrompendo)* Será que não era melhor avisar o Dr. Macedo? Se esse urubu do Dr. Eugênio veio aqui num dia importante que nem hoje pode ser coisa séria.

MARIA CECÍLIA- Ele que espere.

JANDA- Que é isso, Naninha? É medo isso que tô vendo no seu olho?

MARIA CECÍLIA- É. Estou com medo, sim.

Entram Macedo e Adamastor, vestindo robes brancos, copos de uísque nas mãos.

Helena entra logo em seguida, com a mesma roupa de antes.

MARIA CECÍLIA- Não fez a sauna, Macedo?

ADAMASTOR- Mamãe passou na nossa frente.

MACEDO- Seu irmão quer montar uma tragédia grega.

HELENA- Desmontar, segundo ele.

ADAMASTOR- Desmontar o mito, Helena de alvos braços, mas montar um espetáculo para arrancar as teias de aranha da cabecinha de jovens psicológicas como você.

HELENA- Com urso em cena e tudo, como a Salomé?

- ADAMASTOR- Com uma Jocasta no palco, não precisa de nenhum outro monstro em
cena.
- HELENA- Mamãe, essa foi para você.
- MARIA CECÍLIA- Touché.
- MACEDO- Não entendo bem essa coisa de desmontar o mito.
- HELENA- É a última moda, papai.
- MACEDO- Faz muito tempo que eu não mexo com isso, mas pelo que me lembro
um mito leva milhares de anos para tomar uma forma que expresse um
conteúdo arcaico...
- HELENA- Arquetípico.
- MACEDO- Universal, permanente. Como é que dá para um homem só, por mais
genial que seja, desmontar isso num espetáculo só?
- ADAMASTOR- Ah, a tirania clássica, as verdades absolutas. Torno a citar Oscar
Wilde: "A vida moral do homem é a matéria do artista, mas a
moralidade da arte consiste no uso perfeito de um meio imperfeito".
- HELENA- Nada é intocável.
- ADAMASTOR- Exatamente como na política. Continuando com Wilde, "nenhum
artista procura provar nada. Nem as coisas verdadeiras podem ser
provadas. Nenhum artista tem simpatias éticas. A simpatia ética num
artista constitui um imperdoável maneirismo de estilo."
- MACEDO- E daí?

Jussimara e Cleide entram. Adamastor pega Jussimara pelo braço.

- ADAMASTOR- Você acha que as verdades gregas se aplicam a este ser?
- MARIA CECÍLIA- Adamastor!

HELENA- Eu acho. Não importa se ela sabe ou não sabe o que é um arquétipo. Como ser humano ela é determinada pelos conteúdos inconscientes, como todo mundo. Aliás, até mais determinada, porque tem menos condicionamentos culturais do que nós.

ADAMASTOR- Ah, a eterna aluna da PUC, Helena de olhos brilhantes.

MACEDO- De olhos brilhantes, verdes como o mar, não é Helena, Adamastor. É Palas Atena.

ADAMASTOR- Ah! Pelo que vemos, o futuro ministro da república não esqueceu a sua paixão por Homero. Mas voltando ao nosso espécime aqui. (*para Jussimara*) Você acredita que é determinada por arquétipos?

JUSSIMARA- Eu, hein!

MARIA CECÍLIA- Adamastor, pare com isso. Preciso da menina aqui comigo. Venha cá.

Jussimara vai.

ADAMASTOR- Desmontar o mito é... é mergulhar nele, num processo antropofágico, inverter seus significados. A história sempre se nutriu de utopias, sustentadas por tabus. Os gregos arcaicos viviam numa utopia viável...

HELENA- Se é viável não é utopia.

ADAMASTOR- *uma utopia viável*
...que é preciso restaurar. Os tabus, que sustentavam a história arcaica, foram idealizados por Freud e Marx, os dois maiores profetas da história recente. Mas a história acabou. Agora, o que é preciso é expor a besta-fera que é quem governa de fato, quebrar os tabus idealizados.

HELENA- Como?

ADAMASTOR- Em poucas palavras, Édipo mata o pai, come a mãe, mas nem Jocasta se enforca, nem ele fura os olhos. Mata Tirésias, que é *o grilo*

Falante, o superego freudiano, a consciência pequeno-burguesa marxista, Édipo mata Tirésias para ele parar de encher o saco, e fica no poder, celebrado pelo povo. Um retrato do nosso tempo. O fim da utopia, o fim do inconsciente! (*breve silêncio*) Por que Édipo não pode comer a mãe afinal?

CLEIDE- (*baixo*) Deus seja louvado!

MARIA CECÍLIA- Chega, Adamastor!

ADAMASTOR- Édipo não sabe que Jocasta é mãe dele. Ela é apenas uma mulher entre todas, desejável, rica, poderosa. O crime, se crime há, só se configura quando ele toma consciência que Jocasta é mãe dele. Enquanto ele não sabia estava tudo bem.

HELENA- Não estava, não. A sua releitura está toda furada. Primeiro, Édipo já sabia que ia matar o pai e comer a mãe...

MARIA CECÍLIA- Helena!!

HELENA- ...porque antes de ir pra Tebas passou lá no oráculo de Delfos e previram o destino dele. Segundo, porque depois que ele mata o pai e casa com a mãe, o reino é que paga o pato: o gado não reproduz, as colheitas murcham, Tebas começa a ser destruída por uma praga generalizada.

ADAMASTOR- A poluição, a AIDS, a corrupção.

MACEDO- Me parece, se eu ainda me lembro, que em Homero não tem a profecia.

ADAMASTOR- Não tem. Em Homero, Édipo não sabe antes.

MACEDO- E também não fura os olhos, nem vai embora.

ADAMASTOR- Nem Jocasta se mata.

MACEDO- Não, não... Ela morre, sim. Na Odisséia, ela não se chama Jocasta. Estou me lembrando... É... é... (*citando*) "Vi também a mãe de Édipo, a formosa Epicasta"... Epicasta, é isso. (*citando*) "...que monstruoso crime cometeu ao casar, sem o saber, com o próprio filho..." e aí... é... "Ele reinou sobre a amável Tebas, torturado pelos funestos desígnios dos deuses, ao passo que ela desceu à mansão de Hades"... "vencida pelo sofrimento, a ele deixou herança de incontáveis tormentos que infligem as Eríneas, vingadoras das mães"...

ADAMASTOR- (*aplaudindo*) Vítor Macedo, de prodigiosa memória.

MACEDO- A cidade é que sofre porque tem uma porção de... maldições, de pestes.

ADAMASTOR- Quanto mais se mergulha no passado, mais se chega no presente. Homero é mais atual que Sófocles.

HELENA- Tio, isso tem cheiro do mais deslavado pós-modernismo. Você sabe que o pós-modernismo já está agonizante, não sabe? Os profetas pós-modernistas já estão todos morrendo. E bem do jeito sem encanto como viveram: um matou a mulher, outro foi atropelado, outro pulou da janela. Ninguém consegue sustentar essa vida sem fundamento, sem transcendência que é tônica do pós-modernismo. É engraçado, não é, que eu, que sou, o quê?, uns trinta anos mais nova que você?...

ADAMASTOR- Não falemos disso.

HELENA- Enfim, que alguém da minha geração pense do jeito que eu penso. Mas acho que é por causa da minha formação junguiana. Eu acredito no inconsciente coletivo. Quando entendi que o pós-modernismo não era só uma salada, um vale-tudo de estilos, mas que era uma coisa fundamentada, um pensamento sistematizado, e que acabava

implicando em desacreditar o inconsciente, desacreditar qualquer valor que não seja imediato, "de mercado", digamos...

ADAMASTOR- Minha Helena, semelhante às deusas, você é muito sabida, muito intelectual, tiro o meu chapéu, mas essa teoria toda é um saco, meu bem.

HELENA- Sem teoria, então. Sabe o que eu acho, tio? Que esse nihilismo modernoso, pós-modernoso, serve como uma luva pro teu ceticismo crônico. Pessoalmente, acho divertido você escarrar em todos os valores. Mas culturalmente acho perigoso. Se você tira o sentido das coisas, as pessoas acabam se voltando para a religião. Se ainda fosse uma religião de restauração de algum sagrado, tudo bem. Mas ^{em todo mundo} ~~elas~~ só têm acesso a essa religião imediatista, a esses fundamentalismos babacas, que prometem o céu ~~aqui~~ na terra, aqui e agora.

ADAMASTOR- Helena, de rosto belo como as deusas imortais... *(para Macedo)*
Certo?

MACEDO- Certo. "Deusa, nobre, augusta entre as mulheres".

Helena beija o rosto do pai. Abraça-se a ele.

ADAMASTOR- Essa pôrra desse inconsciente psicanalítico é que leva o povo ao delírio da religião imediatista. O cara não precisa ser formado em psicologia, nem ter feito psicanálise para ter uma noção do que é o inconsciente. Todo mundo já nasce sabendo que não pensa só o que pensa, que não sente só o que sente. A idéia de inconsciente já é geral. Mas quem aguenta conviver com um outro sujeito, Id, Ego, Superego, esse

- palavrório todo de vocês, viver com um outro sujeito, autônomo, dentro de si mesmo? Um inconsciente que sonha o que quer, que...
- HELENA- Tio, negar o inconsciente já é demais. Você andou estudando os pós-modernos, não negue. Está muito afiado.
- ADAMASTOR- Chame como quiser: pós-moderno, pós-utópico, neo-liberal... Vitor, aqui, mais do que ninguém, há de entender o meu projeto. Um Édipo anti-psicanalítico, um Édipo político, maior que os deuses, imune à falha trágica, pós-histórico, destinado ao triunfo, ao sucesso.
- MARIA CECÍLIA- O que é que você entende de sucesso?
- ADAMASTOR- Nada, Maria Cecília. Você sabe o que quer dizer o seu nome em latim?
- MARIA CECÍLIA- Você já teve antes a oportunidade de me iluminar a respeito.
- ADAMASTOR- Cecília: pequena cega, a ceguinha.
- MARIA CECÍLIA- *(continuando a arranjar as flores, afetando serenidade)* Estou cansada das suas frases de efeito, cheia das suas "experimentações" artísticas, Adamastor. Se você escolheu o teatro, faça teatro. Se não gosta do Édipo, pra que escolher essa peça para "desfazer"? Por que não tenta, uma vez na vida, "fazer" alguma coisa?
- ADAMASTOR- Eu escolhi a mediocridade. Sou um diretor de fracassos.
- MARIA CECÍLIA- *(sempre arranhando as flores)* Não era. Começou muito bem. Ganhou bolsa de estudos, ganhava prêmios. E gostava bem do sucesso, como todo artista, como todo mundo gosta de fazer sucesso, de ganhar dinheiro com o próprio trabalho. O que eu não consigo me lembrar é quando você começou a virar essa caricatura de você mesmo. Nem você acredita nesse cinismo todo, nessa "falta de sentido da existência", isso é coisa para você dizer em mesa de restaurante, em entrevista no jornal, na televisão. Se não tivesse alguma fé em alguma

coisa, já tinha dado um tiro na cabeça. Alguma crença ainda te sustenta. Aqui comigo, a tua descrença não cola mais.

HELENA- *(admirada)* Mamãe!...

MARIA CECÍLIA- Você só se permite esse tédio mortal, esse desinteresse por tudo, porque continua mimado, recebe tudo de mão beijada. Você não quer fazer Édipo nenhum. Quer brilhar um pouco e arrumar dinheiro fácil, porque torrou o seu em besteiras. Mas agora acho que chega. Se quer "desconstruir" o seu Édipo, mamãe está na sauna. Resolva com ela.

MACEDO- Cecília...

Helena ri e aplaude a mãe. Adamastor vai saindo.

O Dr. Eugênio entra no lado oposto, sem que ninguém perceba. Espera.

HELENA- Onde é que você vai, tio?

ADAMASTOR- *(mostra o copo vazio)* A minha taça transbordou, preciso de outra dose.

Helena ri mais. Intempestivamente beija o rosto da mãe e sai correndo atrás do tio.

MARIA CECÍLIA- *(arranca o copo de uísque da mão de Macedo e aponta o Dr. Eugênio)* Ele quer falar com você.

Macedo volta-se e vê o Dr. Eugênio. Congela no lugar, o corpo hirto, o rosto duro.

JANDA- Vocês duas, me ajude aqui. Vamos levar as flores pra fazer em outro lugar.

MARIA CECÍLIA- Não. A arrumação vai continuar aqui. Por enquanto, levem os vasos que estão prontos e espalhem nos lugares de sempre. E voltem logo.

Janda, Cleide e Jussimara pegam dois vasos cada uma e saem.

MACEDO- Cecília, você podia sair também. (breve tempo) Por favor? Eu preciso  conversar com o Eugênio.

MARIA CECÍLIA- Quero saber o que está acontecendo.

MACEDO- Eu já vou te contar, mas antes me deixe falar com ele.

MARIA CECÍLIA- Não.

Todos silenciam enquanto Cleide e Jussimara retornam para apanhar mais quatro vasos. Tornam a sair.

MACEDO- Por favor, Maria Cecília. É um minuto.

Ela olha de um para o outro, odeia o Dr. Eugênio com um olhar, estuda o marido um breve tempo de tensão. E marcha para fora.

MACEDO- E então?

DR. EUGÊNIO- Nada, Vitor.

MACEDO- O Banco Central negou.

DR. EUGÊNIO- Não solta nem mais um tostão.

MACEDO- Os filhos da puta me deixam esperando três horas na sala de espera, prometem que vão fazer o possível e nada?

DR. EUGÊNIO- Nada.

Maria Cecília entra e fica olhando de longe.

DR. EUGÊNIO- *(baixo)* Sua mulher.

Macedo volta-se para ela. Maria Cecília se aproxima devagar.

MARIA CECÍLIA- O que foi? *(tempo)* É grave.

MACEDO- Mais do que você pode imaginar.

MARIA CECÍLIA- Nós... quebramos?

MACEDO- Quebramos. Eugênio, você explica para ela.

MARIA CECÍLIA- Você me explica.

MACEDO- Não sei se tenho condições.

MARIA CECÍLIA- Se eu tenho condição de ouvir, você tem de explicar.

DR. EUGÊNIO- O Vítor foi chamado a Brasília, faz duas semanas.

MARIA CECÍLIA- *(não olha para Eugênio, fixando o marido durante todo o diálogo seguinte)* Por que?

DR. EUGÊNIO- Nós estávamos com problema de liquidez. Já fazia tempo.

MARIA CECÍLIA- Quanto tempo?

DR. EUGÊNIO- Dois anos.

MARIA CECÍLIA- Por que? Me explique por que eu não estava sabendo.

MACEDO- Eu quis te preservar. Não adiantava você saber.

DR. EUGÊNIO- O banco estava encerrando todo dia no vermelho. Tinha de contar com ^{o Banco do Brasil} ~~a Caixa Econômica~~, com o Banco Central.

MARIA CECÍLIA- No vermelho? Por que?

DR. EUGÊNIO- Os depósitos não cobriam as retiradas.

MARIA CECÍLIA- De quem?

MACEDO- Dos clientes, Maria Cecília.

MARIA CECÍLIA- Não era o que eu sabia. Aquela quantidade de anúncios na televisão, no jornal, banco popular... Você mesmo me contou quantos depositantes tinha. Milhares e milhares.

MACEDO- Foi o que nós tentamos. Atrair a arraia miúda.

DR. EUGÊNIO- Quem mantém de verdade o negócio são os grandes investidores. Quando sentiram os primeiros sinais de que o banco não ia bem, começaram a sacar.

MARIA CECÍLIA- Sentiram como?

MACEDO- No meio financeiro essas coisas correm depressa.

DR. EUGÊNIO- Aí começou a ciranda. Tinha de fazer empréstimo todo dia. Cobrir no dia seguinte.

MARIA CECÍLIA- De quanto?

DR. EUGÊNIO- No começo não era muito, as outras empresas do grupo serviam de garantia. Com a continuação da situação é que a coisa piorou.

MARIA CECÍLIA- Quanto?

DR. EUGÊNIO- Semana passada chegou num ponto que a Caixa Econômica fechou o crédito. O Banco Central não quis atender. Fechamos no vermelho.

MARIA CECÍLIA- Quanto? Eu quero saber quanto.

DR. EUGÊNIO- No pior dia, chegou a 750 milhões de dólares.

MARIA CECÍLIA- (tempo) Isso é muito!

DR. EUGÊNIO- (ri) É bastante.

MARIA CECÍLIA- (breve olhar para o Dr. Eugênio, volta a olhar o marido) E o patrimônio das outras empresas não cobre?

MACEDO- Cobre e sobra. O problema não é esse.

MARIA CECÍLIA- Qual é?

MACEDO- Me chamaram em Brasília faz duas semanas. Propuseram um negócio.

DR. EUGÊNIO- Se o grupo Vilhena comprasse ^{a corretora} ~~o Banco~~ Gaudeamos, o Banco Central cobriria os empréstimos e zerava tudo.

MARIA CECÍLIA- E você topou?

MACEDO- Foram as piores horas da minha vida.

MARIA CECÍLIA- Horas?

MACEDO- Me deram seis horas para decidir.

MARIA CECÍLIA- E se você não aceitasse, o que acontecia?

MACEDO- Quebrava naquele dia. E o ministro caía junto.

DR. EUGÊNIO- ~~Os~~ dois ministros.

MARIA CECÍLIA- E você fez uma boa ação. Salvou os ministros.

DR. EUGÊNIO- Não se tratava de salvar os ministros. Era para salvar a própria pele, as empresas, o banco.

MARIA CECÍLIA- Então qual é o problema?

DR. EUGÊNIO - O Vítor cumpriu a parte dele. Sanou a situação ^{do Banco Gaudeamos} ~~da corretora~~, o Lauro Gaudeamos, que é casado com a filha do presidente...

MARIA CECÍLIA- Eu sei.

DR. EUGÊNIO- ... saiu ileso.

MACEDO- Só que eles não cumpriram a promessa.

DR. EUGÊNIO- O dinheiro que era para ter saído em três parcelas, nestes quinze dias não saiu.

MARIA CECÍLIA- Mas o ministro caiu. Por isso você foi convidado para o lugar dele.

MACEDO- Não, não caiu. Ele se demitiu, Cecília. Alegando questões particulares. ~~A corretora~~ estava mais podre do que ^{a nossa situação} ~~os nossos negócios~~. Consumiu a

maior parte dos recursos de que a gente dispunha. As somas teriam de ser vultosíssimas para cobrir tudo.

DR. EUGÊNIO- Liberaram os recursos para sanar ~~a corretora. Saia~~ todo mundo ileso,
Agora, as outra parcelas, para os nossos negócios, negaram.

MARIA CECÍLIA- Traição.

DR. EUGÊNIO- Não sei se pode chamar assim. Esse tipo de coisa acontece.

MARIA CECÍLIA- *(para Eugênio)* Pelos meus valores é traição e não tem outro nome. O senhor fique quieto agora, Dr. Eugênio. Macedo, Vítor, qual é exatamente a nossa situação? Me conte a verdade. Não me trate como idiota.

MACEDO- Se me deixassem negociar tudo o que temos, dá para cobrir o rombo e ainda sobra alguma coisa.

DR. EUGÊNIO- Mas é isso que eles não querem.

MARIA CECÍLIA- *(ignorando Eugênio)* Eles quem?

DR. EUGÊNIO- Os interventores que ~~estão controlando o grupo.~~

MARIA CECÍLIA- Cale a boca.

MACEDO- Cecília, o Eugênio é meu braço direito. Está aqui para ajudar.

MARIA CECÍLIA- *(para Eugênio)* Eu não confio em você. Nunca confiei. E quero que o senhor saia da minha casa. *(tempo, ninguém se move)* Agora.

DR. EUGÊNIO- Vítor?...

MARIA CECÍLIA- Saia, por favor. Senão eu chamo os seguranças.

DR. EUGÊNIO- *(ri)* A senhora vai me perdoar, mas trabalho para o Dr. Vítor Macedo.
Vítor?

MARIA CECÍLIA- A casa é minha e o senhor vai sair agora. *(tempo)* Saia!

Eugênio enrijece, o rosto cinzento, volta-se para sair.

MACEDO- Eugênio, sabe o que tem de fazer?

DR. EUGÊNIO- Sei. Já dei ordens para o meu pessoal. A coisa já está andando. (*olha o relógio*) Dentro de... Antes das seis, eu volto... ~~Eu~~ ^{melhor} telefone com o resultado.

MACEDO- Telefone, não. Venha. Às seis.

Dr. Eugênio sai.

MARIA CECÍLIA- Nós vamos perder tudo?

MACEDO- Salvei o dos meninos, Ulisses e Helena. vão ficar bem.

MARIA CECÍLIA- E a casa?

MACEDO- Não sei ainda. Se meterem no embrulho o último empréstimo do Banco do Brasil, a casa vai também.

MARIA CECÍLIA- De quanto é?

MACEDO- Cento e cinquenta milhões, ~~de dólares.~~

MARIA CECÍLIA- Mas eu não tenho nada a ver com esse empréstimo.

MACEDO- Você assinou um papel.

MARIA CECÍLIA- Assinei como sua mulher.

MACEDO- Então.

Longo tempo.

MARIA CECÍLIA- Vitor, quebrar, todo mundo quebra. Mamãe ainda tem o suficiente para a gente recomeçar. É dinheiro meu também, que não precisei tocar até agora. Mas se precisar, é meu. Mas neste momento, hoje... (*tempo*)

Não entendo. A sua nomeação. Se havia essa trama no governo, porque pelo que você me contou foi uma conspiração. Te usaram para limpar todos os envolvidos ^{na} Gaudeamos e você quebrar sozinho. Não é isso?

MACEDO- Mais ou menos... É. É isso, se você quer colocar assim.

MARIA CECÍLIA- Se eles, que mais do que ninguém, mais do que eu, que afinal de contas sou a dona real das empresas, se sabiam da sua situação por que te convidaram para o cargo?

MACEDO- Disputa interna. Duas correntes dentro do governo. Alguns achavam que deviam me dar suporte para ^{eu} resolver tudo ^{o. me dá o cargo de...} e assumir o cargo tranquilo. Mas o pessoal mais chegado ao Presidente, queria a minha pele, pelo fato do Lauro ser genro do Presidente...

MARIA CECÍLIA- O que? Alguém queria o Lauro Gaudeamos para o teu lugar?

MACEDO- Não é *meu* lugar ainda, Cecília. Quer dizer, agora não é mais *mesmo*.

MARIA CECÍLIA- (*alarmada*) Como não é mais?

MACEDO- Pode ser que o escândalo esteja em todos os jornais amanhã cedo, Maria Cecília.

MARIA CECÍLIA- Mas... A festa... Está tudo pronto.

MACEDO- Vamos fazer a festa de qualquer maneira. Isso é o de menos. Não dá mais para recuar. (*tempo*) Lília...

MARIA CECÍLIA- (*alarmada, contendo um súbito choro, deslocado*) Você não me chama assim desde... antes da gente casar.

MACEDO- Se não der certo uma última cartada que o Eugênio está tentando agora, amanhã de manhã, não, antes, talvez até no jornal da televisão hoje ainda, a coisa estoura.

Imóvel, braços pendentes, Maria Cecília começa a chorar passivamente, as lágrimas ~~jorrando~~ ^{apertando} pelo rosto.

MACEDO- Foi ingenuidade minha, vaidade, sei lá o que... Fumaça, uma cortina de fumaça, isso é que eu sou. Está entendendo? Nesse governo "ético" não ficava bem o genro do Presidente, dono de uma ^{banking} corretora que ia estourar a qualquer momento, ser nomeado ministro da Economia. O Lauro agora está liberado, entendeu? Pouca gente sabia que o Gaudeamos estava para quebrar. Publicamente, o que aconteceu foi que eu comprei ^{a corretora} a corretora, o Lauro, com a venda, não só está limpo, como nem tem mais vínculos com o mercado financeiro. Situação ideal. Dificilmente o Presidente pode ser acusado de nepotismo, porque o genro vai estar salvando uma situação difícil para o País: eu. Para botar o genro lá em cima, me crucificam. Eu sou o bandido, o corrupto. Não basta para eles me tirar de campo. Entendeu? O ideal é me botar na cadeia. Todos os nossos bens ^{do Lauro} estão sequestrados. Só ^{para ele} posso vender, liquidar alguma coisa quando eles deixarem. Eles sabem perfeitamente que com a liquidação eu sairia limpo dessa, mas isso não interessa. Entendeu? Os liquidantes ^{concordando com o que eu estou querendo} podem levar um ano, dois, quanto quiserem, com tudo imobilizado para eu não ter condições de sair. Entendeu?

MARIA CECÍLIA- Entendi, entendi.

Janda entra e estaca, sentindo o clima. Maria Cecília a dispensa com um gesto. Janda sai.

Maria Cecília enxuga os olhos.

MARIA CECÍLIA- Quem sabe disso?

MACEDO- Fora do governo?

MARIA CECÍLIA- É.

MACEDO- A essa altura a coisa já pode ter chegado à imprensa.

MARIA CECÍLIA- Não dá para segurar?

MACEDO- É o que o Eugênio está tentando agora. Mas na melhor das hipóteses só vai dar para retardar o estouro. Eles não vão voltar atrás. Se der certo, eu tomo posse, renuncio algum tempo depois, quando a coisa se tornar pública já não estou mais no cargo.

MARIA CECÍLIA- Como?!

MACEDO- Você não está pensando que vai dar para eu ocupar um cargo de ministro depois de tudo isso, Lília. Eu vou ser acusado de favorecimento ilícito. Eles não podem nomear ministro da Economia um homem acusado de prevaricação, de se beneficiar de dinheiro público. Está entendendo? (*tempo*) Acabou.

MARIA CECÍLIA- Mas... o teu sonho?...

MACEDO- Meu sonho? *Meu* sonho, Lília? Você é que queria isso mais do que ninguém.

MARIA CECÍLIA- Você aceitou.

MACEDO- É. Aceitei, sim. Acho que... Achei que devia isso a você. Não sei...

MARIA CECÍLIA- Não seja sórdido. Vai me usar para justificar o seu fracasso?

MACEDO- Que fracasso? Você acabou de me dizer que quebrar todo mundo quebra. Que fracasso?

MARIA CECÍLIA- Todos eles se metem nessas negociatas e estão lá em cima. Você... Fracassa. E ainda tenta colocar a culpa em mim.

MACEDO- Não é culpa. Se alguém tem culpa das coisas não terem dado certo, sou eu. Eu... sou fraco.

MARIA CECÍLIA- Você é o homem mais forte que eu já conheci.

MACEDO- A força é a minha fraqueza, Lília. A força do seu pai, que eu aprendi com ele, força de honra. Guardei uma idéia de honra que não existe mais. Mas que está aqui, dentro de mim. No nosso meio, Lília, não tem mais lugar para essa força. A força agora é outra. E eu fico entre uma e outra. Um homem que hesita é um homem fraco. E eu hesito. Não é a honra que vence em cada decisão que eu tomo, ~~nunca~~. Mas ela está aqui, como uma má consciência que ameaça e que me faz ser mais forte do que precisava. Cada decisão suja, cada ato desonroso é para desafiar essa honra antiga, que não se usa mais, e que eu não arranco de mim.

MARIA CECÍLIA- (tempo) Por que não me contou tudo o que estava acontecendo?

MACEDO- O que é que você podia fazer? Desde quando se interessa pelos negócios?

MARIA CECÍLIA- Eu podia ter ajudado.

MACEDO- Como? Administrar um aglomerado de empresas não é exatamente a mesma coisa que administrar uma casa.

MARIA CECÍLIA- É assim que você me vê?

MACEDO- É assim que você se vê.

MARIA CECÍLIA- Acha que eu não tenho capacidade? Alguma vez você tentou me colocar a par dos negócios de papai?

MACEDO- Você nunca demonstrou nenhum interesse. Foi você que limitou a sua vida a cuidar da casa, organizar festas... colecionar copos de requeijão para fazer geléia com as frutas da fazenda, distribuir para a família.

MARIA CECÍLIA- E a fazenda? Você não faz a menor idéia de como funciona aquilo. Fui sempre eu que administrei tudo.

MACEDO- Aquilo é... lavoura de subsistência. O que a fazenda produz é para o nosso consumo, não é uma coisa industrial.

MARIA CECÍLIA- Porque eu nunca quis que fosse. Não ocupo nem um quarto das terras. A hora que eu quiser, a fazenda vira uma agro-indústria, como você diria. Talvez seja até uma saída.

MACEDO- A fazenda?

MARIA CECÍLIA- A fazenda vai embora também?

MACEDO- *(tempo)* Vai, Lília.

MARIA CECÍLIA- *(um arrepio a percorre)* Não me chame assim. Isso é meu apelido de menina. E eu, hoje, nunca estive mais longe de ser uma menina. Aquela menina que... Macedo... Vítor... Por que você casou comigo?

MACEDO- *(os dois se olham um longo tempo)* Preciso de um uísque.

MARIA CECÍLIA- Antes de morrer, papai colocou você no lugar dele. Mamãe não tinha o menor interesse pelas empresas. Você já tinha tudo na mão. Não precisava casar comigo...

Adamastor entra, já embriagado.

MACEDO- É. Eu podia ter casado com o Adamastor.

ADAMASTOR- Mamãe já terminou a sauna. Vamos?

Janda entra acompanhada de Jussimara.

Macedo vai saindo com Adamastor, volta-se para Maria Cecília.

MACEDO- Obrigado. Você reagiu melhor do que eu esperava.

MARIA CECÍLIA- Ainda não reagi.

Macedo e Adamastor saem.

Maria Cecília, Janda e Jussimara retomam a arrumação das flores.

Janda observa Maria Cecília.

JANDA- Mandei a Cleide trazer os centros de mesa pra fazer.

Cleide entra com dois grandes vasos de cristal, rasos como travessas.

JANDA- Cuidado com isso aí, menina.

Cleide estaca, apavorada, como se os vasos estivessem quentes.

MARIA CECÍLIA- Não. Não quero esses. Vamos usar o grande, da vovó. Da Companhia das Índias. Sabe qual é Janda?

JANDA- Cleide já sabe também. Se lembra, menina? Aquele grandão comprido anssim que te mostrei. Relíquia, a mais preciosa, se lembra?

CLEIDE- Sei, sim, senhora.

JANDA- Pois vá pegar, que que tá esperando?

Cleide sai, todas arranjam flores em silêncio.

Janda observa Maria Cecília.

JUSSIMARA- *(canta, baixo)* Eu tenho uma casinha lá na Marambaia,

Fica na beira da praia, só vendo que beleza...

Perplexas, Janda e Maria Cecília trocam um olhar.

JANDA- (severa) Calada, menina!

Trabalham um segundo em silêncio. Maria Cecília sorri.

MARIA CECÍLIA- Pode cantar, Jussimara.

JUSSIMARA- Desculpa, é que tô acostumada. Quem canta seus males espanta, *nela*

MARIA CECÍLIA- Canta, então.

JUSSIMARA- Ah, agora tô com vergonha.

MARIA CECÍLIA- Cante, se quiser.

Depois de um breve tempo, Jussimara começa a cantar. Aos poucos se anima e solta mais a voz. Todas arranjam as flores.

JUSSIMARA- Tem uma trepadeira que na primavera,
fica toda florescida de brincos de princesa.
Quando chega o verão, eu sento na varanda,
pego o meu vilão começo a cantar.
O meu moreno que está sempre bem disposto,
senta ao meu lado e começa a cantar.
E quando chega a tarde um bando de andorinhas
voa em revoada fazendo verão.
E lá na mata o sabiá gorjeia

lindas melodias pra alegrar meu coração.

E às seis horas o sino da capela

bate as badaladas da Ave Maria.

A lua nasce por detrás da serra

anunciando que acabou o dia.

Durante a canção, sem parar de mexer com as flores, Maria Cecília começa a chorar mansamente, sem disfarçar, nem interromper o trabalho. De vez em quando, enxuga os olhos com as costas da mão. Ao final da canção, Cleide entra segurando a imensa travessa de louça branca decorada, algo displicentemente.

JANDA- Cuidado com isso, menina, que foi da bisavó de dona Maria Cecília, tem pra mais de duzentos ano.

Cleide se sobressalta e quase derruba a travessa preciosa. Estaca, paralizada, segurando com ambas as mãos, com extremo cuidado, o objeto afastado do corpo e começa a tremer, as pernas apertadas, mudando de um pé para o outro, como se quisesse fazer xixi. As outras observam. Aterrada com a responsabilidade, Cleide começa a choramingar, olhando a travessa.

Inesperadamente, Maria Cecília dá uma gargalhada e continua rindo, desmesuradamente, descontrolada. Senta-se no chão.

Janda vai em socorro de Cleide, pega a travessa de suas mãos.

JANDA- Vão vocês duas lá pra dentro.

Cleide e Jussimara obedecem. Saem.

Janda ignora o ataque de riso de Maria Cecília, acomoda-se no chão ao lado dela e verte água de uma jarra para dentro da travessa preciosa.

Maria Cecília molha as mãos na água que ela verte, passa no rosto, no pescoço, controlando o riso aos poucos.

Janda começa a fazer um arranjo de flores baixas na grande travessa.

Maria Cecília manipula flores sem fazer nada com elas, absorta.

MARIA CECÍLIA- Eu era bem pequena, uma vez ouvi vovó dizer para a mamãe: "Mulher é privada de homem". Achei tão feio. "Mulher privada de homem". Pensei, já mocinha, inventei para mim que era "privativa" que ela queria dizer. Exclusiva, entende? "Mulher é privada de homem". De um homem só. Não era. Não era. Mulher é privada de homem. Você acha, Janda? (*Janda não responde*) Por que você não casou?

JANDA- Tinha já a família que eu queria. Naninha e Adamastor é meus filho, depois Helena, Ulisses, não precisei de mais, não.

MARIA CECÍLIA- Você é virgem, Janda?

JANDA- (*tempo*) Que é que aconteceu com seu marido?

MARIA CECÍLIA- (*longo silêncio*) Perdemos tudo, Janda. Essa terrina, essa jarra, a toalha, as pratas, os móveis, os tapetes, a casa, as empresas, a fábrica, o banco. A minha roupa, nada mais é nosso. Agora nós todos somos só nós mesmos. Nus no mundo, com as nossas histórias, as nossas mentiras, a nossa hipocrisia. Eu, meus filhos, Vítor, mamãe... (*ri*) Mamãe nunca foi privada de homem. Nem privada, nem privativa... Fazia ela os homens de privada.

JANDA- Deus castiga, filha. Não fala besteira não. É a festa, é? que tá te botando nervosa desse jeito?

MARIA CECÍLIA- Não, Janda, não é a festa. Sou eu. Naninha, Maria Cecília, Lília... Lília... Tantos nomes para uma personagem só. Uma personagem, como no teatro de Adamastor. Personagens. Nós todos personagens fazendo um papel. Repetindo palavras que inventaram pra nós, fantasias sem nenhum corpo dentro. Almas de outros. *(tempo)* Menos você, Janda, você... você é a verdade.

JANDA- Verdade verdadeira ninguém não é não, Naninha. Verdade é Deus. Nós tudo é mesmo é instrumento do Senhor, cada um com seu papel, tá certo, tem razão. Que seria de Dr. Vítor, dos merino, de mim, que seria?, se não era Naninha com essa força que lhe veio, sua, dada, de nascença? Este mundo é passagem, Naninha, ninguém não tá aqui pra ficar. A cada um a sua cruz, cada um com sua missão pra cumprir e ir-se embora pro mesmo lugar donde veio. O além é antes e depois. A vida nossa é o meio, entre um além e outro além, o de antes e o de depois. Aqui se faz, aqui se paga. Verdade aqui não tem inteira não. A vida é ilusão que não dura mais que uma flor dessa. E nós, cada um tem o seu que fazer que não pode fugir.

MARIA CECÍLIA- Será que eu faço o meu?

JANDA - Ara! Isso é coisa que se pergunte? Xii, não tô gostando de seu jeito, não.

Entra Ulisses, absolutamente empapuçado de maconha, os olhos apertados, a fala mole, o riso fácil.

ULISSES- Mãe, eu vou ter de botar terno, gravata, tudo, é?

MARIA CECÍLIA- Vem cá, meu filho, vem. Me dá um beijo.

Ulisses se abaixa ao lado, beija seu rosto. Ela o puxa para si, ele se desequilibra e cai, bate com o cotovelo no rosto da mãe. Ri.

ULISSES- Machucou? Desculpe.

MARIA CECÍLIA- *(puxando o filho para que deite a cabeça em seu col)* Fique aqui comigo um pouco.

ULISSES- *(olhando em torno)* Esse negócio das flores não tá atrasado, não?

JANDA- Está.

ULISSES- Que que você tem, mãe?

MARIA CECÍLIA- Eu? Estou com saudade.

ULISSES- De que?

MARIA CECÍLIA- Saudade só. De nada, de tudo.

ULISSES- Do que ainda não aconteceu.

MARIA CECÍLIA- É. Saudade do futuro. De um futuro. De ter um futuro.

ULISSES- *(ri, cobre o peito de rosas)* Os pastorzinhos, Daphnis e Chloé sentados nos campos floridos.

MARIA CECÍLIA- Você lembra?

ULISSES- Lembro. Antes dele entrar nessa loucura... Quando eu ainda tinha pai.

MARIA CECÍLIA- *(sem muito empenho)* Ulisses...

ULISSES- Três coisas que ele me ensinou eu não vou esquecer: nadar, usar todos os talheres e as histórias gregas antes de dormir. Daphnis e Chloé, Narciso morrendo afogado e a ninfa virando Eco, os doze trabalhos de Hércules... Ele ainda lembra, será? Da Grécia?

MARIA CECÍLIA- Era a paixão do Macedo. A nossa lua de mel... Foi com ele que eu fui à Grécia pela primeira vez. Conhecia tudo, cada estátua de deus, cada

coluna... Quando ele falava, aquele monte de pedras virava um mundo vivo, cheio de magia, de paixão...

ULISSES- A vovó Gilda também gostava da Grécia, não gostava? Me lembro em criança que ela ia todo ano.

Maria Cecília tem um ligeiro sobressalto à lembrança, mas não chega a reagir.

Helena entra num bellissimo vestido de noite, cor de vinho, colante e decotado, como os de Jean Harlow. Estaca e abre o seu sorriso mais irônico.

HELENA- Que bela cena familiar! Tio Adamastor já viu isso?

MARIA CECÍLIA- Foi isso que você comprou?

HELENA- *(rodando, exibindo o vestido)* Um deles. Que tal?

MARIA CECÍLIA- Seu pai já viu?

HELENA- Ainda estão na sauna.

MARIA CECÍLIA- Sua avó vai adorar.

HELENA- Não. Vovó Gilda achou que é demais.

MARIA CECÍLIA- Se mamãe acha demais, então é demais. Não é exatamente isso que você quer?

HELENA- Não sei. Acho que estou meio cansada dessa personagem de filha rebelde. Vou botar o outro para você ver. *(sai)*

ULISSES- *(levantando)* Vou com você. *(sai e volta)* Mamãe?

MARIA CECÍLIA- Hm?

ULISSES- Você está ótima. *(sai)*

Maria Cecília cai num pranto farto, sem esconder o rosto. Janda a puxa para o peito. Ela chora alto, despedaçando flores.

Adamastor entra, quase sóbrio, vestido, os cabelos molhados penteados para trás. Estaca, olha um momento.

ADAMASTOR- Eu volto depois. Retiro-me ao meu tugúrio.

MARIA CECÍLIA- Adamastor. Fique aqui. *(levanta-se, recompõe-se, vai até ele)* Você falou com Vítor na sauna?

ADAMASTOR- *(ri)* Assim que comecei ele dormiu profundamente. Acho que tenho de revisar o meu projeto.

MARIA CECÍLIA- Quanto você pediu?

ADAMASTOR- Estou te dizendo que nem cheguei a conversar. Ele dormiu.

MARIA CECÍLIA- Não te contou nada?

ADAMASTOR- De que?

MARIA CECÍLIA- Dessa vez você vai ter de pedir para a mamãe.

DAMASTOR- Não. O dinheiro da mamãe é dela e para ela eu não peço, você sabe. Por que você insiste em interferir, cada vez que eu começo um trabalho novo? Esse dinheiro é meu também, tanto quanto seu. Jamais interfeiri no destino que vocês dois deram ao império do papai. Não admito que você interfira quando eu preciso de fundos.

MARIA CECÍLIA- Você recebeu a sua parte quando papai morreu. Por qu não fez render para você?

ADAMASTOR- Você é tão apegada ao que o papai deixou. Esse dinheiro todo era *dele*, não é *ele*. Enterra o velho, Lília. Esquece. Toda essa reverência é para não ver que você... ainda está devorando o cadáver dele, roendo os ossos, cumprindo um destino que você nem sabe se ele queria ou não.

JANDA- Naninha...

ADAMASTOR- O que foi, Janda? Você não gosta que eu fale assim, não é?

JANDA- Não gosto, não. *(para Maria Cecília)* Vou mandar as meninas limparem aqui. Já está ficando tarde.

MARIA CECÍLIA- Não. Quero ver se ainda dá tempo de fazer todas as flores. A limpeza final é rápida, Janda. Enquanto isso, tira da geladeira os pratos frios e mande começarem a preparar para aquecer os quentes.

JANDA- Sim, senhora. *(vai saindo)* Adamastor, meu filho, adianta alguma coisa se a preta velha te pedir pra não falar assim de seu pai?

ADAMASTOR- Adianta. Prometo que não falo mais.

Janda sai.

ADAMASTOR- O papai se divertia ganhando dinheiro. Não era ganância, era talento natural, divertimento. Era o brinquedo dele, Lília. Dinheiro é um bem comum, tem de rolar, virar outras coisas. Dinheiro não é de ninguém, é para circular. Miséria não é não ter dinheiro. Miséria é a paralisia, o acúmulo. Um cofre cheio demais é como um órgão com câncer, se desenvolvendo loucamente para a morte. Dinheiro tem de ser vida, movimento, ação, risco. "Não acumuleis tesouros sobre a terra, onde a traça e o mofo os corroem e onde os ladrões penetram e roubam"...

MARIA CECÍLIA- Ah, você junta os seus tesouros no céu?

ADAMASTOR- "Onde está o teu tesouro, ali estará o teu coração". Dinheiro, Lília, é pro prazer, pra alegria, pra beleza.

MARIA CECÍLIA- Quando se tem.

ADAMASTOR- Pois então. Nós temos.

MARIA CECÍLIA- Não temos mais. Macedo quebrou, perdemos tudo.

ADAMASTOR- *(ri)* Agora você já está descendo muito baixo. O que são pra vocês uns milhares de dólares para eu fazer a minha peça?

MARIA CECÍLIA- É verdade.

ADAMASTOR- *(tempo)* E essa festa toda? A nomeação pra Ministro?

MARIA CECÍLIA- Ninguém sabe ainda.

ADAMASTOR- Eu não acredito em você.

MARIA CECÍLIA- Melhor acreditar.

ADAMASTOR- Por isso você estava chorando?

MARIA CECÍLIA- *(tempo)* Não. Quer dizer... Era.

ADAMASTOR- Bobagem sua.

MARIA CECÍLIA- Não vai sobrar nada, Adamastor.

ADAMASTOR- Mamãe ainda tem o suficiente. Agora, sim, é hora de apelar para ela.

MARIA CECÍLIA- *(tempo, uma suspeita crescendo dentro dela)* Quero falar com você sobre a mamãe...

Helena entra num vestido preto, curto, extremamente elegante e discreto.

HELENA- Esse você gosta?

MARIA CECÍLIA- Gosto.

ADAMASTOR- Eu preferia o outro, mas nas atuais circunstâncias, o luto cai bem em Electra.

HELENA - *(pressentindo alguma coisa)* Que atuais circunstâncias?

MARIA CECÍLIA- Nada. As besteiras de sempre do seu tio.

ADAMASTOR- Aproveitemos o tempo que nos resta. Eu preciso beber. Vamos, bela Helena de alvos braços, agora você já pode me acompanhar. *(os dois vão saindo)*

MARIA CECÍLIA- Helena.

Helena estaca e olha a mãe. Sente algo no ar, as duas se olham.

MARIA CECÍLIA- Você está linda.

Adamastor olha de uma para outra e sai.

Helena aproxima-se de Maria Cecília. A mãe a beija no rosto.

HELENA- Posso te falar uma coisa?

MARIA CECÍLIA- Ai.

HELENA- *(afastando-se)* Tá bom. Não falo.

MARIA CECÍLIA- Fale. Fale, sim. Hoje é o dia de falar. O que é?

HELENA- Exatamente isso.

MARIA CECÍLIA- O que?

HELENA- Essa dificuldade da gente se falar. Eu não queria que a minha relação com você fosse igual à sua com vovó Gilda. Mas parece que a história se repete.

MARIA CECÍLIA- Como é a minha relação com minha mãe?

HELENA- *(pequeno riso)* Que relação?

MARIA CECÍLIA- Você acha que eu não tenho nenhuma relação com mamãe?

HELENA- Tem?

MARIA CECÍLIA- Mamãe não é fácil.

HELENA- E você é?

MARIA CECÍLIA- Você acha que eu sou difícil? Pra você ou para ela?

HELENA- É diferente.

MARIA CECÍLIA- O que é que é diferente? A nossa relação, sua e minha, e a minha e a dela, ou a minha dificuldade com você e a minha dificuldade com ela?

HELENA- *(ri)* Agora complicou. Como é? Não, estou brincando, mamãe. As duas coisas. Você é difícil com a vovó de um jeito e comigo de outro. Você é filha dela e minha mãe.

MARIA CECÍLIA- Em resumo: eu sou difícil como filha e como mãe.

HELENA- É, eu devo estar dizendo besteira. Eu devo ser tão difícil para você como você é para ela.

MARIA CECÍLIA- E ela tão difícil para mim quanto eu para você.

As duas se olham e subitamente caem na risada

HELENA- É criancice minha. Eu não devia mais me importar de você preferir o Ulisses.

MARIA CECÍLIA- Você acha que eu prefiro o Ulisses?

HELENA- Acho. É natural, mãe. É humano. Bobagem querer dizer que os pais amam todos os filhos igual. Não amam mesmo.

MARIA CECÍLIA- Quando você tiver filho, você vai entender.

HELENA- Acho que eu já entendo já. Amar, ama igual mesmo, tá certo. Eu sei que você faria por mim e pelo Ulisses a mesma coisa, se a gente precisar de ajuda os dois. Estou falando é de outra coisa. É de afinidade. De gostar. É isso: amar, ama igual, mas no gostar tem diferença. E você gosta mais do Ulisses.

MARIA CECÍLIA- E você gosta mais do seu pai.

HELENA- *(pensa um tempo)* Hmm... ~~Não sei.~~ Acho que com essa história do papai escolher esses nomes gregos para nós, acabou atraindo a

mitologia toda pra família: Édipo e Electra. Aliás, em termos de complexo a coisa vem de geração em geração. Você também acha que a vovó Gilda tem preferência pelo tio Adamastor, não acha?

MARIA CECÍLIA- Tem.

HELENA- E vovô tinha por você?

MARIA CECÍLIA- Papai... Você não conheceu. Meu pai era diferente do seu pai.

HELENA- Ou você é que é diferente de mim?

MARIA CECÍLIA- As duas coisas.

HELENA- Você tinha tesão no vovô?

MARIA CECÍLIA- Helena.

HELENA- Ah, mamãe, que frescura. Até em novela da televisão já se fala tesão.

MARIA CECÍLIA- Eu não gosto.

HELENA- Tá bom. Você tinha atração pelo vovô?

MARIA CECÍLIA- Devo ter tido. Você que é psicóloga sabe. Não é normal numa determinada idade? Você também sentiu pelo seu pai.

HELENA- Sinto.

MARIA CECÍLIA- Não, não sente. Você acha que sente por causa das dificuldades de relação comigo.

HELENA- Dona Maria Cecília, às vezes à senhora me surpreende pela agudeza de observação.

MARIA CECÍLIA- Por que? Acha que eu não penso? Também me vê só como esposa e dona de casa?

HELENA- Também por que? Quem é que te vê assim?

MARIA CECÍLIA- Todo mundo, acho. É engraçado. Em algum momento, houve uma inversão do preconceito. Antes, mulher só existia para ser esposa e mãe. Uma mulher como a mamãe, acabava falada, porque não tinha

vocação doméstica. Agora, o preconceito é ao contrário: nenhuma mulher pode ser só mãe e esposa. Isso é pouco. Tem de se realizar no mundo, fazer carreira em alguma coisa, provar que é capaz de fazer tudo o que homem faz. Por que não pode? Eu não sinto nenhuma frustração, nunca quis ser nenhuma outra coisa. Um nasce pintor, outro músico, outro engenheiro, outro nasce pra ser pai. Pai também é questão de vocação. Você não acha que existem homens que gostariam de não precisar sair para trabalhar, de poder ficar em casa, educando os filhos? A deformação é a mesma, para homem e para mulher. Eu não acho que desperdicei a minha vida. Vivi como quis.
(tempo) Até hoje.

HELENA- O que é que mudou hoje? É tão importante assim pra você essa nomeação do papai? O que é que muda pra você?

MARIA CECÍLIA- Não tem mais nomeação, filha. Não tem mais nada.

HELENA- Não entendi.

MARIA CECÍLIA- Seu pai perdeu tudo.

HELENA- Como? Assim, da noite para o dia?

MARIA CECÍLIA- Não. A coisa já vem de dois anos para cá.

HELENA- Você sabia?

MARIA CECÍLIA- Não. Ele acaba de me contar.

HELENA- Eu continuo não entendendo. E essa festa toda?

MARIA CECÍLIA- A história é muito complicada. Vamos fazer a festa, como se nada tivesse acontecido e deixar para resolver... Eu não devia estar te contando nada disso.

HELENA- Como não? Eu faço parte da família, não?

MARIA CECÍLIA- Não está certo. Não posso repartir essa carga com você.

HELENA- Por que não?

MARIA CECÍLIA- Porque... porque... porque não é só isso. Quer dizer, isso não é o principal. Pra mim. Tem alguma outra coisa por baixo... Eu não sei bem... A sua avó...

HELENA- O que é que tem a vovó Gilda?

MARIA CECÍLIA- Nada, filha. Nada. Vá se aprontar e me mande a Janda e as meninas para ajudar a terminar aqui. Já está ficando tarde.

HELENA- Eu ajudo.

MARIA CECÍLIA - (*enternecida, sorri e acaricia o rosto da filha, sincera*) Não, meu amor, você não é para esse tipo de serviço. Vá, vá se aprontar. Fique bem linda.

HELENA- Como "fique bem linda" depois do que você me contou? Isso é um absurdo mamãe. Não dá para fingir que não aconteceu nada. Você me diz que nós perdemos tudo, que ficamos pobres da noite para o dia e manda eu me aprontar e ficar bem linda. É... é surrealista, no mínimo.

MARIA CECÍLIA- Também não é assim, Helena. Ninguém vai para a favela amanhã. A coisa é mais complexa do que isso. Eu não devia ter te falado nada. Foi erro meu.

HELENA- Por que é que você tem de aguentar tudo sozinha?

MARIA CECÍLIA- Eu sou mais forte do que você imagina.

HELENA- (*tempo*) Isso eu acredito.

MARIA CECÍLIA- Me faça um favor, filha. Dois, aliás. Primeiro, não conte nada para o seu irmão ainda.

HELENA- Ah. No estado que ele já deve estar, não ia nem entender direito. Qual é o outro?

MARIA CECÍLIA- Mudei de idéia, não quero as meninas aqui. Peça para a Janda ocupar as duas lá dentro. Chame o seu pai.

HELENA- Você tem certeza que quer falar com ele agora? Antes dessa bendita festa?

MARIA CECÍLIA- Tenho.

Helena sai. Imediatamente, Maria Cecília solta um gemido e libera o desespero que vinha germinando subjacente ao longo de toda a cena. Retorce as mãos, caminha agitada pela cena vazia, passa as mãos pelo rosto. Tem súbitos e brevíssimos ataques de choro sem lágrimas, murmurando consigo mesma.

MARIA CECÍLIA- Não é possível... Não pode ser... Como é que eu não... Muito tempo, muito tempo... Eu não quis...

Controla-se, respira fundo e estaca no centro do palco, as mãos juntas, apertadas, à espera de Macedo.

*Macedo...
Ele entra, semi-vestido para a festa, a gravata desamarrada pendurada do pescoço.*

Caminha rapidamente.

MARIA CECÍLIA- Macedo...

Ele passa por ela. Ela volta a cabeça sem entender.

Pelo lado oposto do palco, entra o Dr. Eugênio, nervoso, urgente.

Macedo vai até ele.

DR. EUGÊNIO- Tarde demais, Vítor.

MACEDO- Não deu ~~para~~ para segurar nada? Em nenhum jornal?

DR. EUGÊNIO- Não.

MACEDO- Quanto você ofereceu?

DR. EUGÊNIO- O combinado.

MARIA CECÍLIA- Você subornou os jornais?

MACEDO- Não.

DR. EUGÊNIO- (*irônico*) Jornal é praticamente impossível de comprar. Eles ganham mais divulgando escândalo do que escondendo.

MACEDO- Continue, Eugênio.

DR. EUGÊNIO- (*continua explicando a Maria Cecília*) Com a mídia tem de ser indireto. Suborna-se as pessoas que têm influência sobre os jornais.

MACEDO- Eugênio.

DR. EUGÊNIO- Dessa vez não era questão de dinheiro. A coisa entrou em choque com a política dos jornais. Estão todos empenhados com o movimento Pela Ética na Política.

MACEDO- E você procurou esses merdinhas desses intelectuais do movimento?

DR. EUGÊNIO- Achei melhor não fazer nenhuma oferta pessoal pra não comprometer demais. Mas mandei gente minha. Para todos.

MACEDO- E?

DR. EUGÊNIO- Nada. Não tem conversa, não tem pressão possível. O seu caso... Quer dizer, o nosso caso era exatamente o que eles estavam esperando. Vem bem a calhar para o momento da campanha. Eles sabem, claro, que não vai mudar nada, mas ninguém vai largar a rapadura. Se pudessem, os donos de jornal, um comia o rabo do outro para dar o furo. Com o perdão da palavra, você é o bode expiatório que eles estavam esperando. Se fosse daqui um mês, podia ser que eles já tivessem

encontrado outro no lugar e o seu caso não ia ter importância. Foi azar, coincidência...

MACEDO- Bad timing.

DR. EUGÊNIO- Perfect timing. Para eles.

ADAMASTOR- *(entrando, bêbado)* Algo de podre no reino da Dinamarca... *(olha para o alto, tão súbita e convictamente que todos olham na mesma direção)* Os corvos. Os corvos sentem de longe o cheiro da carniça e se aproximam, céleres. Aqui jaz o cadáver do melhor da aristocracia nacional. A Ceguinha Vilhena, fina flor da mais tradicional família brasileira com seus míseros quatrocentões anos de história; Vítor Macedo, vitorioso macedônio, o self-made man, o empresário estudado, o déspota esclarecido, ex-mestre da economia, hoje servo da economia de mercado.

MARIA CECÍLIA- E você, o que pensa que é?

ADAMASTOR- Eu sou merda. A merda pisada da cultura nacional, o lixo colonizado envolto em fumaças de efeitos especiais, Abaporu vendido em dólar, Deus ex-machina deposto pela pseudo-liberdade da censura econômica.

Helena e Ulisses entram, atraídos pelo vozerio.

ADAMASTOR- *(puxando os dois)* Eis aqui nossos herdeiros, os cordeiros de Deus, os filhos das Medéias que nós somos todos, Saturnos do futuro.

DR. EUGÊNIO- *(para Macedo)* Podemos falar noutro lugar?

ADAMASTOR- Não! Não! Não! Não tem mais nada pra falar. Nós somos a carniça, mas você, Eugênio da lâmpada sombria, você é verme, é larva que

rasteja e morde os restos, nós, a podridão de que você se nutre.

(escarra na cara de Eugênio)

MACEDO- Adamastor!

Macedo empurra Adamastor, que se desequilibra e cai de quatro, entre maços de flores ainda no chão..

Maria Cecília deixa escapar um grito. Helena tenta abraçá-la, ela repele o abraço.

Ulisses começa a rir, drogado.

Eugênio tenta atacar Adamastor, Macedo o segura com força.

Adamastor vomita no chão. Janda entra, seguida de Cleide e Jussimara, apavoradas.

JANDA- Que que tá acontecendo, meu Deus do céu?

ADAMASTOR- *(de quatro, grita, recitando Homero)* "O triste Pânico, companheiro da fria Derrota, apossou-se dos aqueus e todos os seus chefes foram presa de dor intolerável."

Eugênio avança sobre Adamastor, Ulisses agarra Eugênio pela roupa e o atira contra o pai. Espalham as flores pelo chão.

ULISSES- *(com a voz pastosa pela droga)* Para, vocês dois.

MARIA CECÍLIA- Ulisses.

ULISSES- Chega dessa brincadeira.

MACEDO- Cale a boca, moleque.

ULISSES- Você cala a boca, papai. Você é um bosta. Você e ele, e esse bando todo brincando com o poder, brincando como moleques com a vida das pessoas, com a vida do país, com o planeta inteiro. Gastando

dinheiro público para ficar careca, barrigudo, de bigode, tudo brocha que só consegue comer puta em convenção. Babaca!

Macedo esbofeteia Ulisses. Ulisses ri.

MARIA CECÍLIA- Vitor!

ULISSES- Deixa, mãe. Bate, pai, bate aqui na minha cara. Bate. Pelo menos assim você encosta em mim. Eu queria tanto que você me abraçasse. *(abraça o pai, que o repele)* Você não tem coragem, não, né? Tem medo de mim porque acha que eu sou veado, que eu sou fraco, porque não gosto de futebol, porque não falo de mulher, porque não quero saber dessas bostas de fábrica, banco, financeira, essa merda toda que não é trabalho, não. Isso não é trabalho. Eu tenho nojo de você, de gente como você que acha que trabalho é pra ganhar grana, pra ter poder. Trabalho é pra dentro, pra se trabalhar, e pra fora, pra trabalhar os outros, velho. *se a mulher e marido* Se não trabalhar a alma também, não é trabalho. É serviço, é roubo, é escravidão. Toda fortuna é desonesta, todo rico é ladrão. Eu sou ladrão, filho, neto de ladrão. Vai, diz! Diz que é fácil falar isso morando num palácio. Mas é pra reverter, pra voltar pro começo, porque você não morava em palácio, mas programou a sua vida inteira, pisou em quem precisou, até nesse merda desse doutorzinho aí, pra morar no palácio. Eu não sou nenhum São Francisco, nenhum Ulisses que volta pra casa pra reclamar o trono, porque esse trono é teu, e é mais sujo que privada de botequim, sujo de merda, sujo de sangue. Vocês ^{do} querem mandar, mandar. Tudo pra vocês. Tudo, o dinheiro todo do mundo pra vocês. Pra vocês serem

reis num mundo de mendigos, de ignorantes. Não quero nada desta porra toda. A Helena me contou que a gente perdeu tudo. Pois eu acho ótimo. Acho uma maravilha. Não quero porra nenhuma desse dinheiro sujo, desse poder de merda. E se você salvou algum pra mim, pode enfiar no rabo. Não quero o seu dinheiro, não quero você. Não quero você. Não quero, não quero.

Macedo avança e esbofeteia Ulisses repetidamente.

MARIA CECÍLIA- Parem com isso, parem!

Helena impede que ela avance até eles. Ela luta com a filha.

Ulisses ri, depois, repentinamente, agarra o pai pelos braços e o domina.

Gilda entra, acompanhada de Janda.

Imediatamente todos se imobilizam e olham para ela.

ADAMASTOR- (*sentado no chão*) "Se ^{Páris} Alexandre matar Menelau, que ele guarde Helena e todo o tesouro e nós partiremos nos navios que cortam os mares."

GILDA- O que significa isso?

ADAMASTOR- É a guerra de Tróia, mamãe. Homero puro. "Se, porém, o louro Menelau matar ^{Páris} Alexandre, então os troianos devolverão Helena e todo o tesouro e pagarão aos argivos a compensação devida, que será lembrada pelas futuras gerações."

Enquanto ele fala, Janda aproxima-se de Maria Cecília e a ampara.

Helena e Ulisses ajudam Adamastor a se levantar. Ele recusa e continua sentado no chão.

Gilda avança majestosamente até Macedo. Olha para o Dr. Eugênio.

GILDA- *(para Macedo)* Há anos eu te previno para se livrar desse homem. Você é orgulhoso demais, Vítor. Foi por arrogância, onipotência sua, que você quis se aliar ao inimigo. Foi esse homem que arquitetou a sua ruína.

MACEDO- Que ruína?

GILDA- Eu sei, Vítor. Desde o começo eu estou sabendo de tudo. Sei mais que você. *(para Eugênio)* E mais que você também.

MACEDO- Por que não me avisou?

GILDA- Você ia me ouvir?

MACEDO- *(tempo)* Não.

GILDA- Você jamais confiou em ninguém. Só em você mesmo.

MACEDO- *(para Eugênio)* É verdade isso?

DR. EUGÊNIO- *(contém o sorriso)* Ela está louca.

GILDA- Pergunte a ele quem sugeriu ao ministério a compra do Gaudeamos.

MACEDO- É verdade?

GILDA- Pergunte quem manipulou o testamento de meu marido e me afastou da junta diretora. Esse pulha teve a audácia de tentar me seduzir quando fiquei viúva.

DR. EUGÊNIO- *(ri)* Eu seduzi você?

GILDA- Eu não precisei te seduzir. Você é um *homme facile*, Dr. Eugênio. Qualquer mulher serve para você provar a tua miserável virilidade.

JANDA- Cale, Nanã. Olha teus filhos, teus netos...

GILDA- Eu usei você, imbecil. Até você disputar comigo e mostrar o rato pusilânime que é, que sempre foi.

MACEDO- Eu... não estou entendendo.

GILDA- Foi antes de você, Vítor.

MACEDO- (*perplexo*) Eu... eu fui só... uma peça a mais?

GILDA- A peça chave.

Maria Cecília liberta-se de Janda que tenta contê-la e avança para Macedo.

MARIA CECÍLIA- Você... (*volta-se para a Gilda*) Mamãe...

GILDA- Você sempre soube, Maria Cecília. Escolheu fechar os olhos esses anos todos, mas você sabia.

Adamastor começa a rir, cada vez mais forte.

HELENA- Sabia o que? Do que é que vocês estão falando?

JANDA- (*chorando abertamente, para Gilda*) Cala, Nanã, cala!

MARIA CECÍLIA- (*para Macedo*) Você... você e minha mãe...

Macedo não responde. Baixa a cabeça.

MARIA CECÍLIA- Mamãe... É verdade?

GILDA- Vítor foi meu amante.

JANDA- (*grita, chorando*) Não, Nanã, não... (*Cleide e Jussimara a sustentam*)

MARIA CECÍLIA- Desde quando?

GILDA- Desde que seu pai ficou doente.

ULISSES- (grita) Filho da puta!

Voa, possesso, sobre Macedo. Maria Cecília atira-se na frente dele.

Consegue detê-lo.

MARIA CECÍLIA- Não, filho, não. Eu preciso saber.

GILDA- Me defendeu desse verme... (*indica Eugênio*)

JANDA- Nanã...

GILDA- Foi... o homem que eu mais amei na minha vida. Quando seu pai morreu, eu... devastada de culpa... adúltera, infiel... aterrada com um império nas mãos... confusa porque esse homem (*indica Eugênio*) me ameaçava... (*passa a mão de leve no rosto de Macedo, ele desvia o rosto*) Ele me levou para a Grécia... ruínas, ruínas, aquelas ruínas eram eu, você mocinha, Lília, Adamastor... pedras mortas que Vítor enchia de história, de paixão, de som e fúria e vida azul do mar batendo nas escarpas brancas num sol de ouro transparente. (*Maria Cecília solta um gemido contido*) Ele era um deus, eu era um deus de carne quente e sangue vivo e nós podíamos tudo. Tudo.

MARIA CECÍLIA- E eu? Eu?

GILDA- Enquanto a doença não tirou do seu pai a força de homem, eu amei seu pai. Era ele o meu deus vinte e cinco anos mais velho do que eu quando eu tinha dezesseis anos e nos casamos. Um rei alegre e livre, Midas que transformava em ouro o que tocava, que me tocou, me desvendou a mim, esposa jovem e virgem, o prazer que os outros homens buscavam nos prostíbulos. Vítor... Vítor era outra vez tudo de

novo. Doze anos menos do que eu, um novo deus de força, um homem, meu homem, meu.

MARIA CECÍLIA- E eu? Por que eu?

GILDA- Pergunte a ele (*indica Eugênio*)

MARIA CECÍLIA- Não pergunto nada! Quero saber de você. Por que não casou a senhora com ele?

MACEDO- Agora basta. Lília...

MARIA CECÍLIA- Não toque em mim.

GILDA- Seu pai colocou Vítor na presidência das empresas assim que ficou impedido pela doença... Quando eu recusei esse pulha, (*indica Eugênio*) ele me reduziu a uma mulher rica e sem poder. Manipulou de tal forma o testamento de seu pai... Se eu me casasse...

MARIA CECÍLIA- Papai sabia?

GILDA- De Vítor? Não... Talvez soubesse. Não de Vítor, mas de algum homem na minha vida.

MARIA CECÍLIA- E eu? Você... deu sua filha... de presente... para o seu amante...

GILDA- Ou dei meu amante de presente a minha filha?

MACEDO- Já basta.

MARIA CECÍLIA- Cale a boca.

MACEDO- Agora basta. Eu amava seu pai tanto quanto você...

DR. EUGÊNIO- Ha!

MACEDO- ...como filho.

MARIA CECÍLIA- Não quero ouvir você.

MACEDO- Aos quinze anos ele me deu responsabilidades, exigiu de mim, enxergou em mim o que nem eu sabia que era capaz. Ele era tudo o que eu, menino pobre, queria ser. Não era o fascínio do poder, era

mais. Mais que um modelo, uma grandeza inatingível, acima da política, acima das crises, o toque de Midas mesmo. Não o ouro que mata. O ouro da alegria, de vida. Eu não queria o lugar dele. (*Eugênio ri, cínico, Macedo volta-se para ele*) Você queria o lugar dele. E ainda quer. Eu invejava a mesma força, queria construir eu o meu império, igual, maior que o dele, talvez. Meu. Meu. Foi para imitar seu pai que eu mantive esse Judas na empresa. Para ter debaixo dos meus olhos o inimigo, não fora, não longe. Aqui, comendo na minha mão.

GILDA- Ele jamais faria isso.

MACEDO- Orgulho, ambição, desonra... Perdi, em algum ponto do caminho, eu perdi a honra que aprendi do seu pai. Nasceu em mim uma arrogância que ele não tinha. Não fui só, eu, não, não fui só eu. Mudou a maneira do mundo e eu mudei com ele.

MARIA CECÍLIA- Você acredita mesmo no que está dizendo?

MACEDO- É verdade.

DR. EUGÊNIO- Ninguém é tão inocente.

MACEDO- Aqui, aqui dentro eu continuo um menino pobre que se disfarça com a pompa, com a máscara de um poder que não me interessa. Só que a máscara grudou na minha cara, a máscara agora é a minha cara, eu sou a máscara. Só a máscara, uma casca oca que age como os outros agem, de peca os pecados dos outros. E sou por isso mais culpado.

ADAMASTOR- (*aplaude*) Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa. Bravo.

MACEDO- (*para Maria Cecília*) Não foi por premeditação que eu apoiei sua mãe quando seu pai morreu. Foi por dever ao velho, por respeito, por amor. (*Eugênio ri*) Eu não pretendia nada dela. Nada. Foi por fraqueza

que eu... Como viver com a culpa de possuir a mulher do homem que foi mais que seu pai?

ADAMASTOR- Édipo lives.

MACEDO- Como negar que, ao mesmo tempo, o papel me agradava? Eu era homem, eu era jovem, e me senti forte, poderoso. Assumindo inteiramente, completamente o lugar do homem que eu mais admirava. Eugênio também queria isso. Mas eu venci, eu, Vitor. E amava tudo o que ele amava, o império construído passo a passo, sua mãe, você...

MARIA CECÍLIA- Você... me amou?

MACEDO- Era tal minha ilusão de onipotência que acreditei poder amar duas mulheres ao mesmo tempo.

MARIA CECÍLIA- A mãe e a filha...

MACEDO- Quando me aproximei de vocês, na doença do seu pai, era em você que eu pensava, se é que pensava. Era você que eu queria.

GILDA- Eu acredito.

MACEDO- Quando sua mãe sugeriu o casamento, com toda a trama que Eugênio tinha armado, era uma solução natural.

ADAMASTOR- Natural *essine*.

MACEDO- Eu te amava, Lília. Ainda não como mulher talvez, mas eu te amava. Nunca pensei em ter as duas ao mesmo tempo. Você, mulher nenhuma jamais entenderá que um homem pode amar duas mulheres ao mesmo tempo. Não foi um plano, foi...

MARIA CECÍLIA- Então... ^{A mãe e a filha...} vocês continuaram... depois do nosso casamento... Não! Não não não... Até... Até quando?

GILDA- (*tempo*) Até nascer Ulisses.

MARIA CECÍLIA- *(perdendo aos poucos o que lhe resta de controle de controle)* Janda...

Janda sabia.

JANDA- *(desfeita em pranto, no chão, amparada por Cleide e Jussimara)*

Sabia. Nanã, Naninha... Eu sempre sube, sim. Sabia, sabia, sabia...

MARIA CECÍLIA- *(começando a caminhar pelo espaço)* Minha mãe, meu marido.

Doutor Eugênio... Ele sabia...

DR. EUGÊNIO- *(ri)* Se me permite, a senhora também sabia.

MARIA CECÍLIA- *(para Macedo)* Por isso, você ficava com ele do seu lado. Pra controlar, pra garantir que ele não ia falar. E eu... eu...

Oscilando o corpo de um pé para outro, Maria Cecília bate no peito e vai rasgando a própria roupa.

Todos observam, imóveis. Só Helena se aproxima lenta e fixamente de Macedo. Subitamente agarra a sua cabeça e beija-o na boca, enlaçando uma perna no corpo do pai.

Ulisses agarra a irmã pelos braços e a arrasta para longe de Macedo.

De dentro de Maria Cecília brota aos poucos um urro desumano, interminável.

Cleide chora e foge apavorada para fora de cena.

Maria Cecília corre pela sala, sem que ninguém a detenha. Agarra a ponta da toalha da mesa e corre com ela ao longo da grande mesa, atirando fragorosamente ao chão as louças, pratas e cristais.

Quando o ruído cessa, ouve-se, vindo de fora, um alarido de risos e vozes e motores de carros e portas batendo.

Cleide entra, aterrada.

CLEIDE- Dona Maria Cecília, os convidados tão chegando.

Todos permanecem imóveis. As luzes começam a baixar em resistência.

ADAMASTOR- "Assim falou e cortou o pescoço dos cordeiros com o impiedoso bronze e deixou-os estertorando no chão, privados de vida, pois o bronze"... o bronze não, o ouro, o ouro! "roubara-lhes a força. E derramando o vinho nos copos, espalharam o vinho no chão e rezaram aos deuses imortais."

Black out.

FIM

São Paulo, novembro de 1995